



O que nos faz pensar?

Editorial

O que nos faz pensar? é o título de um livro escrito a quatro mãos. Jean-Pierre Changeux, neurobiólogo, e Paul Ricoeur, filósofo, são os autores do livro. A leitura dessa obra inspirou a matéria de capa do penúltimo boletim deste ano. Uma entrevista com Ivan Izquierdo e outra com Henrique Del Nero complementadas com uma resenha do livro **L'homme de vérité**, de J. P. Changeux, querem iniciar a discussão do funcionamento do cérebro. A complexidade do tema faz com que assumamos o compromisso de voltar a

tratar do tema em outras ocasiões, ainda no próximo ano.

Nesta semana, o IHU finaliza a programação do IHU Idéias com a conferência do prof. Dr. Josué Pereira da Silva, professor da Unicamp, tendo como tema **As metamorfoses do mundo do trabalho segundo André Gorz**. Neste boletim, publicamos uma entrevista com o ilustre professor que se empenha em editar e, assim, tornar conhecida, no Brasil, a importante obra de André Gorz. Trata-se de um autor fundamental para entender a grande transformação do mundo do trabalho, hoje. Para o IHU, que tem como um dos seus eixos de atuação o trabalho, poder abrir espaço para o debate de um autor como André Gorz é extremamente alvissareiro.

E falando de mudanças do mundo do trabalho, é com alegria que apresentamos neste número, um trabalhador que tem orgulho de celebrar os 50 anos de exercício da profissão de motorista. Seu Francisco, assim o chamamos carinhosamente aqui na casa, narra algo de sua vida na editoria 'IHU Repórter', por meio da qual, semanalmente, aprendemos a conhecer algo mais sobre nossos colegas da Unisinos.

Este é o **IHU On-Line**: discute temas acadêmicos complexos com especialistas, ao mesmo tempo que ouve e aprende com os trabalhadores como Seu Francisco.

Também isso é a transdisciplinaridade. Acreditamos que, assim, contribuímos para que a nossa comunidade acadêmica possa realizar os seus objetivos estratégicos. Uma ótima leitura e uma excelente semana a todos!

OBSTÁCULOS AO ESTUDO DA MENTE

Entrevista com Ivan Izquierdo

*É um equívoco procurar localizar na mente os atributos da alma, alerta o Prof. Dr. Ivan Antônio Izquierdo, lembrando que ela “não tem uma localização específica”. Para os que nela acreditam, está “de alguma maneira vinculada ao corpo”, sendo usada para “comunicar com o mundo espiritual”. Já as emoções e sentimentos pertencem “claramente” ao campo da mente. Ivan Izquierdo é professor da UFRGS e doutor em Medicina pela Universidad de Buenos Aires e pós-doutor pela University Of California Los Angeles. É autor de vários livros, entre os quais **Organização, Consolidação, Construção e Reconstrução de Memórias**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988; **¿Qué es la Memoria?**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1992; **Tempo e Tolerância**. Porto Alegre: Sulina/UFRGS, 1998; **Tempo de Viver**. São Leopoldo: Unisinos, 2002; **Memória**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas (ArtMed), 2002; **Silêncio, por favor**. São Leopoldo: Unisinos, 2003. Confira os principais trechos da entrevista que o professor concedeu a **IHU On-Line** por telefone.*

IHU On-Line - Como se distinguem as atividades do cérebro, mente e memória?

Ivan Izquierdo – Vou fazer uma distinção entre algo mais do que isso. De cérebro, mente, memória – uma das funções do cérebro e da mente – e alma, que muitas pessoas confundem com “mente”. São coisas completamente diferentes. A alma é o que usamos para comunicarmos com o mundo espiritual, com Deus, em particular. Não tem uma localização específica. Entre as pessoas que acreditam na sua existência, se aceita que está no corpo, de alguma maneira está vinculada ao corpo. A mente é outra coisa. A mente é um conjunto de funções que estão claramente localizadas no cérebro e consistem na percepção de estímulos, na associação de estímulos, e, portanto, na formação da memória e na capacidade motora. Faz com que caminhemos ou corramos mais rápido ou mais devagar numa e noutra direção, nos permite a orientação, uma série de coisas. A mente pode ser atacada por doenças, e aí temos a esquizofrenia e outras doenças várias, que antigamente se agrupavam sob o manto de neuroses, mas hoje em dia ninguém fala nisso. Compreendem a ansiedade, a mania, que pode constituir um estado psicótico também, assim como a depressão, e outras. A mente requer uma parte do corpo para funcionar, que é o cérebro.

IHU On-Line – Não é possível relacionar “alma” e “mente” a partir dos sentimentos?

Ivan Izquierdo –A alma não tem sentimentos. Os sentimentos não estão localizados na alma, são parte das funções da mente. Os sentimentos claramente pertencem ao campo da mente. Emoções, sentimentos são próprios da mente. Quando falham as emoções ou sentimentos, temos geralmente doença mental, ou uma incapacidade de viver em comunidade, ou uma incapacidade de aprender, inclusive de aprender memória. A alma não é objeto de estudos dos biólogos nem dos psicólogos.

IHU On-Line - Determinadas regiões cerebrais podem gerar percepções extra-sensoriais que estariam na origem da crença em um deus, por exemplo?

Ivan Izquierdo – Não, isso não é verdade. Não há nenhuma evidência que implique isso. Existem apenas especulações que carecem de provas, nenhuma delas foi demonstrada.

IHU On-Line – A leitura de pensamentos é algo plausível?

Ivan Izquierdo – Não, isso não. Isso é mais para os adivinhos. De momento, é impossível. A gente pode achar que alguém pensa determina coisa com base no brilho do olhar, o que acontece desde que o homem existe. Não há nenhum avanço nesse sentido nem é previsível nenhum avanço que permita ler os pensamentos. Inclusive, se isso ocorresse, eu não veria como um avanço.

IHU On-Line - Quais são as principais conquistas das neurociências e quais as que se avizinham?

Ivan Izquierdo – Do ponto de vista da neurociência, a maior conquista, quem sabe, tenha sido a localização cerebral de muitas funções mentais. Viu-se que muitas áreas cerebrais participam através de processos distintos nas funções mentais. Por exemplo, na memória, participam muitas áreas cerebrais, e algumas, na maioria talvez, desempenham seu papel principal por uma região do lobo temporal chamada hipocampo e suas conexões. Esse é um dos grandes avanços recentes, que está no seu começo. Outro avanço é a identificação de processos bioquímicos nas diversas áreas cerebrais, que são a base dessas funções. Por exemplo, na formação de memória, na evocação de memória, participam vários processos bioquímicos já bem identificados em diferentes lugares do cérebro, notadamente no hipocampo.

IHU On-Line - Quais são os principais obstáculos a superar?

Ivan Izquierdo – Os obstáculos, na verdade, são as técnicas ainda insuficientes para determinar certas experiências. Por exemplo, ainda não temos a técnica para estudar a bioquímica cerebral fina sem ter que abrir o animal, sacrificá-lo. Por isso esse tipo de estudo ainda não se pode fazer em humanos, se utilizam animais de laboratório; isso é um obstáculo. O dia em que se puder medir bioquímica de maneira indireta, provavelmente a pesquisa vai avançar mais. Estamos talvez um pouco longe disso. O que se pode fazer, nesse aspecto, são investigações bastante precárias e preliminares e elementares. Pois através da técnica de imagens não se pode fazer bioquímica fina. Não se pode saber quanto aumentou a atividade, ou diminuiu, de uma enzima ou de um receptor a um neurotransmissor, isso ainda não há como fazê-lo nem é previsível.

IHU On-Line - As imagens oferecem informações reduzidas?

Ivan Izquierdo – Sim, as imagens, o mais que dizem é se determinadas áreas cerebrais – nem sequer grupos neuronais – foram ou não ativadas, em algumas circunstâncias. Medem a ativação através de um processo muito indireto, que é medir basicamente o fluxo sanguíneo de áreas cerebrais. O que não quer dizer, necessariamente, que aquela área esteja sendo ativada. Mas tem permitido um avanço fundamental, porque com isso podemos verificar, na pessoa viva, que áreas do cérebro estão funcionando mais ou menos, de acordo com o seu estado de saúde. Mas se quisermos estudar a possibilidade de, por exemplo, mudar determinada função com algum propósito terapêutico, precisamos saber exatamente, em termos bioquímicos, o que passa nessa área. E isso não se pode saber, no momento, por meio de método de imagens.

IHU On-Line - O senhor diz que a memória é filha da prática. Os exercícios aplicáveis à memória previnem doenças neurodegenerativas?

Ivan Izquierdo – Sim, a memória provém das experiências ou *insights*. Toda a memória se adquire pela experiência, mas é mantida pela prática. E a melhor forma de exercitar a memória em geral é lendo. Essa prática não previne as doenças, mas consegue fazê-las menos graves. Por exemplo, existem vários estudos mostrando que a intensidade da doença de Alzheimer

está em função inversa ao nível de instrução do sujeito. A razão disso é simples. A doença degenerativa consiste na degeneração e morte de neurônios. Vamos supor que uma pessoa tem – em vez de memória vamos falar em reais - cinco milhões de reais e tem uma doença que lhe faz perder cinco mil reais cada dia. Vai levar muitos dias até ela se encontrar num estado de miséria. Uma outra pessoa, que usou pouco a memória e portanto tem só cinco mil reais, se a doença consiste em perder cinco mil reais por dia, vai perder tudo o que tem no primeiro dia. É simplesmente assim, as doenças do cérebro consistem na perda de um número, ninguém sabe quanto, de neurônios por dia. Quem tem menos memória vai sentir os efeitos antes; quem tem mais memória, dentro desses neurônios – as memórias estão guardadas em redes de neurônios – vai perder sua capacidade mnemônica mais tarde.

IHU On-Line - Considerando o avanço da genética e a iminente possibilidade de realização de diagnósticos pré-natais em certas enfermidades desse tipo, o senhor considera possível o retorno da eugenia?

Ivan Izquierdo – Lamentavelmente sim. Nós estamos chegando àquilo que, de uma maneira ridícula, Hitler e sua turma queriam investigar. Eles simplesmente matavam as pessoas que tinham algum defeito de nascença. Para mim, que sejam eliminadas dentro do útero ou fora do útero, como fazia Hitler, é irrelevante, trata-se da morte de uma pessoa, simplesmente porque alguém, na escala política ou na escala médica, dizia que era uma vida que não tinha sentido. Então, alguém decidir que fulano de tal, porque tem tal ou qual defeito, não vai ter uma vida digna de ser vivida e o eliminar em útero, para mim também é uma barbaridade. Muito mais certo é, no caso, o aconselhamento genético a casais que oferecem uma probabilidade alta de ter filhos com defeitos genéticos, nervosos ou não, aconselhá-los a não ter esses filhos.

IHU On-Line – Pesquisas feitas na Universidade de Duke, nos Estados Unidos, demonstraram que duas macacas movimentaram um braço robótico a partir de células nervosas emissoras de sinais de “intenção de movimentos”, coordenados por um processador, que os traduzia em movimentos reais. Os resultados obtidos foram considerados redefinidores das concepções teóricas sobre o cérebro, pois ele, além de nos permitir criar e usar ferramentas, sofre alterações para incorporar as ferramentas utilizadas. O senhor concorda com a dimensão revolucionária atribuída à pesquisa?

Ivan Izquierdo - O cérebro utiliza todas as ferramentas que estejam à sua disposição. No caso referido, os nervos que ordenam os movimentos se dirigem a músculos. Isso é o que causa o movimento. Os movimentos são ordenados pelo cérebro, dirigidos depois, por meio da medula espinhal, a nervos que enervam músculos, fazendo com que estes se contraíam ou não. O músculo não deixa de ser um aparelho. Se falta um, substituímos esse músculo por peças de um aparelho que vai efetuar um movimento como se fosse um músculo, o que, do ponto de vista conceitual, não oferece nenhuma alteração ao que já sabemos há séculos. Isso é uma coisa muito velha. Agora utilizar esse conhecimento para ativar uma máquina que responda a estímulos elétricos da magnitude daqueles que produzem os músculos, eis a novidade. O princípio em si é velhíssimo. Isso não traz um princípio novo, traz simplesmente uma utilização nova de algo que já é arquiconhecido. Do ponto de vista terapêutico, para as pessoas que perdem um dedo, um membro, é uma revolução, porque lhes permitem ter uma vida mais fácil.

IHU On-Line - O funcionamento do cérebro é mais analógico ou mais digital?

Ivan Izquierdo – O cérebro funciona das duas maneiras. A sinapse funciona de maneira analógica, quanto mais estímulos, mais respostas. Agora, se a estimulação eletroquímica, procedente da sinapse, atinge certo limiar, o neurônio gira certos potenciais chamados

potenciais de ação, que são digitais e aparecem ou não aparecem; depende se a estimulação analógica do setor anterior tenha atingido ou não um certo limiar. Se atinge o limiar, o neurônio fará com que se liberem neurotransmissores, que são substâncias químicas. Então há um processo que é digital, que é a chegada de impulsos de um neurônio à sua conexão com a seguinte, mas há muitos processamentos analógicos.

IHU On-Line - Diz-se que este século será o do cérebro. O senhor concorda?

Ivan Izquierdo – Não sei se vai ser o século do cérebro, é impossível saber de que coisa vai ser. O século 20, por exemplo, veio com as melhores expectativas de que ia ser o século do bem-estar geral, do progresso da economia, da paz... Foi um século dos mais belicosos da história, foi terrível. Ninguém pensava, no ano 1900, que seria o século da energia atômica ou da informática. Foi também da genética e da bioquímica, que até agora consideramos fina. É impossível prever de que vai ser este século. Amanhã um terrorista lança um novo ataque em Washington e teremos o século da morte. Espero que este seja um século de coisas positivas, o século da paz. Que pelo menos se cumpra, ainda que em parte, aquilo que se pensava do século anterior.

O FANATISMO E O TERROR EMPOBRECEM A MENTE

Entrevista com Henrique Schützer Del Nero

*Henrique Schützer Del Nero é graduado em Medicina e Filosofia, mestre em Filosofia e doutor em Engenharia Elétrica. Todos os seus cursos foram realizados na USP, onde também fez o pós-doutorado. Sua tese de doutorado chama-se **Computação Topológica e Controle Voluntário em Arquiteturas Naturais e Artificiais**. Atualmente é professor da USP e conduz pesquisas em neurociências. É autor dos livros **Anarquias e Alucinações** (São Paulo: Hermes, 1982), **O Sítio da Mente** (São Paulo: Collegium Cognition, 1997) e **O equilíbrio Necessário** (São Paulo: Collegium Cognition, 2000). Para Henrique Del Nero, a ação da mente sobre o comportamento humano reflete determinados procedimentos gravados biologicamente, resultantes da interação social. Por isso a ética e a solidariedade, por exemplo, seriam atributos biológicos antes de serem imposições externas, sociais ou religiosas. Em decorrência, estaríamos vivendo um período de empobrecimento generalizado da mente, que passa a incorporar procedimentos gestados pelo terror e o fanatismo. Eis os principais trechos da sua entrevista, concedida ao **IHU On-Line** por telefone.*

IHU On-Line - O que nos faz pensar?

Henrique Del Nero – Nós ainda não sabemos, temos hipóteses mais ou menos plausíveis. Acredito que a interação do ser humano com o meio ambiente proporciona uma capacidade plástica muito grande de aprendizagem e uma necessidade brutal de decidir com base no que aprendeu. Nós tomamos decisões todo o tempo, a quantidade de decisões que nós tomamos, consciente ou inconscientemente é absurda. A base da idéia de pensamento é que um sistema nervoso em contato com o ambiente, sendo esse ambiente extremamente rico e esse sistema nervoso extremamente capaz de aprender. Para completar o ciclo, tomamos milhões de decisões que vão agir sobre o meio, sobre a cultura, sobre o outro, ensejando interações e reciprocidades, fatos culturais, sociais. Tudo isso estabelece interações com a máquina complexa, que é o cérebro humano. Com capacidade de decisão e inventividade, vão surgindo instâncias que julgam o agente e arbitram a ação. Esta dicotomia entre o agente e o árbitro, muito provavelmente é o que, em escala neural, vai fazendo surgir o pensamento.

IHU On-Line - O senhor escreveu que a mente surge da comunhão dos neurônios, não sendo uma substância imaterial, mas uma propriedade física do cérebro em contato com a linguagem e a cultura. Esta relação da mente com a linguagem e a cultura lhe parece algo físico?

Henrique Del Nero – O problema é que as pessoas, às vezes, opõem ao físico o espiritual. Se você quiser contrapor ao físico a idéia de virtual, como a idéia do código de significados e de semântica embutido nas interações, eu poderia dizer: a semântica não é física, ela é estipulada num determinado tipo de relação constante, que é capaz de gravar num terceiro ponto uma determinada associação de A com B, que passa a ter um significado. Se as pessoas me perguntarem se esse significado é material eu vou dizer: não existe significado ou pensamento em olhar um neurônio piscando. Quando nos referimos ao “espírito de equipe”, por exemplo, ele não pode ser localizado em uma pessoa, nem é uma propriedade espiritual, mas uma propriedade que emerge de uma determinada ação coletiva. Então, quando nós nos referimos às relações da mente com a linguagem e a cultura, nós estamos dizendo que os agentes, os atores são atores do mundo físico. Nós não precisamos do recurso a entidades espirituais para explicar a mente. Nós podemos usar entidades abstratas, o que é muito diferente de entidades espirituais. Os conceitos abstratos se situam num mundo que não é exatamente físico, porque ele é regido por definições, por determinadas estipulações e portanto, desligá-lo da natureza física não significa conceder-lhe a natureza espiritual. É neste sentido que eu digo, é um fenômeno físico.

IHU On-Line - O senhor também diz que a incompreensão da mente como um fenômeno biológico nos leva ao esoterismo. Em que medida isso é prejudicial à sociedade?

Henrique Del Nero – Existe, desde os antigos, a expressão pão e circo. Acho que a modernidade é uma espécie de pão e circo, porque nós cada vez damos mais pão para os homens na forma de tecnologia, avanços, longevidade, melhores aparelhos, melhores celulares. Mas nós damos circo também porque, paradoxalmente, as idéias, ao contrário da tecnologia, elas parecem caminhar para trás. A tecnologia, a internet, todas essas coisas nos brindam com um pão, mas o circo vem do modo como nós as utilizamos. Em vez de elevarmos os nossos pensamentos e nos tornarmos cada vez mais criteriosos no pensar, mais sofisticados, nós acabamos apelando para soluções imediatas, pobres, do ponto de vista formal. Como uma música pobre, que pode até ser agradável de se ouvir e é fácil de se decorar. O esoterismo, em determinados rituais, é fácil de decorar porque tem uma estrutura pobre. Decorar a prosa do mundo, sua estrutura rica, o impasse da vida, e a perplexidade diante das incertezas, talvez isso desequilibrasse muita gente.

IHU On-Line – Em que medida é socialmente benéfica a proliferação de obras abordando os “poderes da mente” e temas afins?

Henrique Del Nero - Não sou crítico científico ou literário, mas me parece apenas que o efeito colateral dessas obras é, paradoxalmente, conferir ao homem mais poder do que ele tem. No fundo, toda a homilia dessas teogonias, que pede ao homem para que ele seja humilde e cuidadoso diante da árvore do conhecimento é justamente a antípoda desses livros de auto-ajuda. Eles incitam os leitores a dizer “você pode muito mais coisas do que você pode”. Há um paradoxo evidente, porque, na alegoria do Jardim do Éden, o designio de Deus é dar conhecimento. O problema do conhecimento é complexo, e as pessoas talvez acabem presumindo poder fazer coisas cujo resultado é discutível.

IHU On-Line - A ética e a solidariedade, conforme o senhor as entende, antes de imposições externas, sociais ou religiosas seriam atributos biológicos. Como se explica isso?

Henrique Del Nero – O modo de organização da sociedade humana exige o que a gente chama de coeficientes de correção. Quando se calcula uma estrutura numa obra de engenharia se fazem cálculos complicados e depois se coloca um coeficiente de segurança: se alguma coisa der errada, eu estou trabalhando com duas vezes mais ferro e concreto do que preciso. A idéia do coeficiente de correção permeia os sistemas complexos, como a redundância nas comunicações que nós precisamos para assegurar que a mensagem chegue com uma determinada fidelidade. Eu digo que determinados valores e determinados tipos de conduta me parecem mais ajustados ao bem-estar coletivo. Por que isso? Nós estamos numa época em que princípios como produzir, trabalhar, empregar, pouco valem. A maneira como se exigiu que a competitividade fosse usada, o modo de fazer com que isso fosse um motor para a criatividade, para a inventividade, criou uma ética ligeira, uma ética condescendente para com a exclusão. Isso me parece ser o germe da violência e de uma série de efeitos colaterais. Portanto, eu acredito que existe uma ética e uma moral muito mais fundadas num determinado conceito de grupamento e num modo de otimização do funcionamento e harmonia desse grupamento. Eu não acredito que a ética e a solidariedade sejam estipulações simples, resultantes do desejo de parlamentares que representam X, Y ou Z. Na verdade, nós temos alguns princípios gravados que orientam o funcionamento da máquina e agem como coeficientes de correção. Nesse sentido, transformam-se em atributos biológicos e passam a reproduzir determinados valores e condutas. Com uma sociedade um pouco mais igualitária, um pouco mais justa, com uma indignação mais verdadeira para com a desigualdade, eu acredito que poderíamos renunciar parte dos nossos excessos e entender que, assim, talvez, tivéssemos um pouco menos, mas vivéssemos um pouco melhor.

IHU On-Line – Mas onde está a ligação da “indignação mais verdadeira” com determinados atributos biológicos da mente?

Henrique Del Nero – É muito simples. A sociedade onde aparecem determinados elementos egoístas, elementos que segregam outros, que tomam para si o fruto da colheita, é uma sociedade de primatas, do ponto de vista biológico. Esta condição é que dá viabilidade a determinados comportamentos. Com isso, eu não quero dizer que a monogamia ou a bigamia, por exemplo, sejam biologicamente uma manifestação mais ou menos desejável, eu não vou entrar neste plano. Eu digo que existem alguns artigos, como se fosse uma Constituição, a respeito de conduta humana que são designados, gravados pela potência que o ser biológico, no caso o humano, possa ter. Essa potência biológica decorre da interação com os outros seres, com o grupamento, com a sociedade.

IHU On-Line – O senhor considera que este será o “século do cérebro”?

Henrique Del Nero – O século XIX foi um século de invenção, o século XX foi um século de conscientização da invenção. O século XIX foi mais atrevido cientificamente, no século XX, as coisas foram do papel para a realidade. Veja a medicina, a engenharia, as aplicações práticas que se tornaram inenarráveis. Mas a impressão que me dá é que, embora a tecnologia e a ciência estejam andando, o século começa com o nome do terror.

IHU On-Line – Como esse terror poderá se refletir na constituição e nas funções do cérebro?

Henrique Del Nero – Os movimentos organizados do século XX, as grandes correntes ideológicas, os partidos, as linhas de pensamento estão sendo dominadas pela barbárie, pela desidentificação do sujeito - e é talvez essa a característica principal do terror – pela ausência de compromisso com a vida. O indivíduo, todo e qualquer indivíduo que, se julgando prejudicado pelo modo como a sociedade se organiza, elege o terror como razão, isso me parece uma resposta bárbara ao mundo que o gerou. Nós vimos a reação das pessoas diante da violência e do terror, uma reação visceral, a partir da qual pode-se conseguir facilmente um plebiscito em que, em questão de horas, o povo, em uníssono, reclama por penas de morte e por tribunais populares. No momento em que nós perdemos a discussão da organização e da ação conjunta para tentar modificar a sociedade, eu acredito que a mente empobrece generalizadamente, pois isso tudo não diz respeito só à mente dos fanáticos, mas também às mentes dos outros que, ao se defenderem, reagem com fanatismo. E eu não sei o que é mais fanático hoje, se a Al Qaeda ou a sociedade norte-americana.

O HOMEM DE VERDADE

*Jean-Pierre Changeux, neurobiólogo francês, no livro **O homem de verdade**, explica como funciona o cérebro. Traduzimos e publicamos a resenha do livro de J. P. Changeux, **L'Homme de vérité**, Paris: Odile Jacob, 2002 e que acaba de ser traduzido e publicado em italiano J. P. Changeux, **L'uomo di verità**, Milano: Feltrinelli, 2003. J. P. Changeux acaba de publicar a obra **Gènes et cultures**, Paris: Odile Jacob, 2003. Juntamente com Paul Ricoeur, Changeux é autor do livro **O que nos faz pensar?**. Lisboa: Edições 70, 2001. A resenha que publicamos é de Sandro Modeo e foi veiculada no jornal italiano **Corriere della Sera**, em 7 de dezembro de 2003.*

Para os não-especialistas da disciplina, os livros do neurobiólogo Jean-Pierre Changeux (professor no Collège de France e no Instituto Pasteur) são complicados e difíceis. São como subir muros sem muitos apoios. As dificuldades de subir (ou seja, os tecnicismos, as complexidades conceituais) podem ser paralisadoras: mas quem consegue resistir e chegar ao fim é recompensado com a contemplação de uma paisagem totalmente inesperada. E compreenderá a descrição-explicação mais convincente sob uma perspectiva inédita, a nossa vida mental e social, da nossa cotidianidade e dos desejos e das dores que a atravessam. Prosseguindo com “O homem de verdade”, um discurso que começou há vinte anos com “O homem neuronal”, Changeux se aproxima agora do ponto mais alto da sua pesquisa: as bases fisiológicas das ‘funções superiores’ da mente, seja cognitivas, seja afetivo-emotivas.

E, portanto, da atividade do cérebro, enquadrado, porém, não como órgão estático e passivo de frente a uma não menos estática ‘realidade’ (segundo uma vulgata veteropositivista ainda difusa e utilizada instrumentalmente para relançar todo tipo de neo-espiritualismo), mas como um órgão dinâmico e ativo, plasmado por uma incessante interação com o ambiente e pela sua própria dimensão auto-reflexiva (sonhos, pensamentos, imaginação).

Nesta ótica, para Changeux, o cérebro é o resultado de dois percursos integrados. De um lado, é o produto da evolução biológica por seleção natural: um órgão que burilou – mais ou menos através de “cem mil gerações” do *homo sapiens* – representações do mundo externo sempre mais eficazes e vantajosas para o indivíduo e para a espécie; representações que vêm transmitidas e afinadas seja por via genética, seja por via epigenética (veja a linguagem e os objetos matemáticos). Ao mesmo tempo, o cérebro é o produto da embriogênese e do desenvolvimento, isto é, daquelas fases que mostram em ação propriamente a atividade da evolução, da genética e da troca com o ambiente. Não é por acaso que as páginas sobre o ‘nascimento do mundo’ no cérebro do neonascido e da criança sejam as mais emocionantes do

livro. Evidenciando, particularmente, como a aquisição da linguagem dos primeiros meses advém, não por acumulação dos dados, mas, pelo contrário, por uma 'restrição progressiva' da relação som-sentido (examinando minuciosamente a entonação e ritmo das palavras dos pais num mar sonoro imenso e indiferenciado), Changeux esclarece como o delinear-se da identidade seja propriamente uma seleção na tempestade neuronal da criança (dois milhões de sinapses por minuto): como 'aprender' significa sobretudo 'eliminar'.

Mas notáveis são também as outras reconduções (não reduções) de tantos processos psicológicos aos seus correlatos neurais, como nos casos da 'melodia' da consciência, da insurgência do 'significado', das formas de dependência as mais variadas como as drogas, a bulimia ou o jogo de azar. Sempre, o *passé-partout* é a relação entre especialização e plasticidade cerebral: porque em nenhum caso a uma área do cérebro corresponde um processo (a uma estrutura uma função), mas tudo depende da orquestração sinérgica de diferentes áreas. Aqui o exemplo mais estupendo é aquele dos pacientes cegos que estudam a leitura Braille: nos seus cérebros, ao lado de uma previsível extensão da do córtex parietal do hemisfério esquerdo (capaz de perceber de modo tátil o espaço), o *imaging* revela o ativar-se também das áreas visivas do córtex occipital, as mesmas especializadas na visão dos sujeitos videntes.

Com este livro, Changeux abate definitivamente uma série de barreiras prejudiciais: a que existe entre os níveis baixos (neurológicos) e altos (psicológicos), isso é a insensata distinção neocartesiana entre mente e cérebro; aquela, mais largamente, entre natureza e cultura; e aquela, sobretudo, entre o caráter quantitativo do saber científico e aquele qualitativo do saber filosófico-humanístico.

DESTAQUES DA SEMANA

Análise de conjuntura

ATÉ QUANDO, COMPANHEIRO?

Fábio Konder Comparato

Reproduzimos o artigo de Fábio Konder Comparato, publicado no jornal Folha de S. Paulo, em 8 de dezembro de 2003. Fábio Konder Comparato é jurista, doutor pela Universidade de Paris, professor titular da Faculdade de Direito da USP e doutor honoris causa da Universidade de Coimbra. De Fábio Konder Comparato, os leitores e leitoras podem conferir um artigo no IHU On-Line número 68, de 28 de julho de 2003, e uma entrevista na 71ª edição, de 18 de agosto de 2003.

Escrevo-lhe de público e não em particular, como convém entre amigos, por uma simples razão. Você é, agora, na qualidade de presidente da República, o principal empregado do povo. Não se espante: quem afirmou isso não foi Karl Marx, mas um outro judeu que viveu na Palestina há 2.000 anos. Com uma agravante: segundo o relato evangélico (Mateus, 20, 24-28 e Lucas, 22, 24-27), os governantes devem ser considerados como servos ou escravos ("doulói", no texto grego) do povo, ou seja, menos do que trabalhadores assalariados. É preciso, portanto, que o seu patrão atual (menos exigente, mas muito mais digno que os seus antigos patrões) tome conhecimento do que lhe vou dizer.

Limite-me à economia. Alguém, de boa ou de má-fé, pouco importa, passou-lhe a idéia de que seria possível reduzir a miséria do nosso povo com a simples aplicação de políticas sociais, sem alterar em nada a política econômica anterior. Não sei se você tem tempo de ler jornais, ou se se contenta agora em correr os olhos sobre os relatórios de seus assessores.

O fato é que a pobreza e, por conseguinte, também a miséria aumentaram neste país sob o seu governo. Segundo o IBGE, o rendimento médio da classe trabalhadora caiu 11,6% de dezembro de 2002 a outubro deste ano. No mesmo período, e sempre segundo os dados oficiais do IBGE, o desemprego aumentou de 10,5% para quase 13%.

A razão desse resultado funesto era previsível, e você deve se lembrar de que ela lhe foi longamente explicada antes da eleição. O nosso país está sendo inexoravelmente sufocado pela dívida pública, cujo principal já ultrapassa metade do PIB, sendo que o pagamento efetivo dos juros corresponde a 10% de toda a riqueza anualmente produzida.

Por falar em juros, no corrente ano as despesas com o serviço da dívida pública mais do que dobraram em relação a 2002, tendo superado em 22,5% todos os gastos da Previdência Social. A alternativa, portanto, no início do seu governo, era muito clara: reduzir as despesas financeiras ou fazer economias à custa do direito fundamental à Previdência de todos os brasileiros. Desculpe lembrar-lhe de que, além de optar por esta última solução, você ainda aumentou em muito as despesas com juros.

Mas agora eu lhe pergunto: com toda essa asfixia financeira, como pretende o seu governo conseguir recursos públicos para os investimentos em infra-estrutura (energia, transportes e comunicações), em ciência e tecnologia, em educação e saúde, ou em reforma agrária, sem os quais não há crescimento econômico e muito menos redução da desigualdade social?

Certamente você não acredita que os capitalistas do mundo inteiro estão ansiosos para sacar os recursos aplicados na especulação financeira e investi-los aqui nesses setores, de baixíssima ou nula rentabilidade.

É claro, os seus ministros da área econômica dirão que é graças a esse sacrifício -imposto, aliás, não a eles pessoalmente, mas sim ao povo- que o país ostenta agora a condição de primeiro da classe no mundo das finanças internacionais e que sem isso teríamos perdido todo o crédito, e os capitais estrangeiros cessariam de vir para o nosso país. Diagnóstico falso, meu caro. A maior parte do dinheiro que entra no país é de cunho especulativo: os capitalistas vêm ao Brasil para se aproveitar dos altíssimos juros aqui praticados e sair de imediato ao primeiro sinal de perigo. Na verdade, nós não precisamos desses capitais; são eles, ao contrário, que precisam de nós.

Aliás, é útil você saber que não são os países ricos que sustentam as nações pobres, mas bem o contrário. Entre 1997 e 2002, a transferência líquida de recursos financeiros do mundo subdesenvolvido para os países ricos foi de quase US\$ 700 bilhões, ou seja, muito mais do que o PIB brasileiro. Segundo dados fornecidos pelo Banco Mundial, entre 1982 e 2000, a América Latina pagou, pelos empréstimos financeiros tomados, US\$ 1,45 trilhão, o que equivale a mais de quatro vezes o montante total da dívida de origem.

Mas então, como mudar? - perguntará você. Lembra-se da renovação do acordo com o FMI, que a sua equipe econômica anunciou quando você viajava pela África? Eles lhe disseram que era só uma garantia (ou *backup*, na linguagem que tanto prezam).

Esqueceram de lhe contar o essencial: com a renovação desse acordo, a sua política econômica ficará congelada até o final do seu mandato. Se você quiser mudá-la, terá que romper com o FMI.

Meu caro, eu teria ainda muito mais a dizer, mas o espaço é exíguo. Lembrarei apenas que você foi eleito para servir (como servo, mesmo) o povo brasileiro, e não para agradar aos grandes deste mundo; e que todo o seu passado de vida digna, no sindicato e no partido, corre um sério risco de ser apagado da memória popular se o seu governo continuar no rumo atual. Apesar de tudo, eu e muitos outros continuamos a confiar naquele Lula generoso e justo que conhecemos e que permanecerá sempre o mesmo, se Deus quiser.

Esteja certo de que, no juízo final da história, o sorriso de gratidão da pobre velhinha que viu seus filhos e netos conseguirem um emprego digno graças à ação do seu governo pesarão muito, mas muito mais, na balança da vida do que os elogios dos banqueiros do mundo todo à proclamada "seriedade" de sua política econômica.

Entrevista da Semana

KIRCHNER MODIFICOU O POPULISMO

*Sociólogo, professor na Faculdade de Ciências Sociais e pesquisador do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Conicet), Ricardo Sidicaro é um estudioso do peronismo: coordena uma pesquisa sobre o tema e publicou um livro sob o título **Os três peronismos (Século XXI)**, no qual compara e analisa o peronismo dos anos 1945, 1970 e 1990. Em diálogo com o jornal **Página/12**, 1-12-03, Sidicaro assegura que ainda é cedo para determinar se Néstor Kirchner lidera uma nova etapa histórica de um movimento que se transforma e regenera como nenhum. Entretanto, destaca a novidade encarnada pelo Presidente. "É o primeiro líder peronista que liga a tradição histórica com a doutrina liberal democrática", assegura Sidicaro. A tradução é da equipe do **IHU On-Line**.*

Simplificando, no primeiro peronismo confluíam os setores populares recém-incluídos com a burguesia nacional; no peronismo de Menem se conjugaram setores populares com as classes altas e o capital financeiro. Qual é a aliança social e econômica que sustenta Kirchner?

Ricardo Sicaro - É difícil dizê-lo agora. Esse discurso entre "sessentista" e devedor falido é uma novidade. Incorpora-se em relações com atores que já não são os de 2001, quando ameaçavam com a eliminação dos empréstimos e com o fantasma de que iria cair a convertibilidade. Se fizer uma aliança com grandes setores econômicos que poderiam beneficiar-se com obras de infra-estrutura, com certa reativação dos mercados internos, embora sem encontrar-se com uma utópica burguesia florescente, poderia criar algumas convergências interessantes.

Qual seria o sustento ideológico desta aliança?

Ricardo Sicaro - Em outros momentos a aliança, como você chama, teve a ver com uma visão não liberal-democrática da política, digamos populista de massas. Kirchner não, e essa é a novidade. Kirchner propõe um discurso mais moderno e rompe com essa maneira de pensar. A grande novidade de Kirchner é que ele conseguiu fazer uma política da época dos indivíduos. Oferece questões que têm a ver com valores distintos: a alguns oferta justiça, a outros planos de ajuda, a outros certas idéias sobre um progresso futuro. Adaptou-se, saindo da tradição populista, para uma sociedade muito mais fragmentada e construída em termos de indivíduos. Isso é novo, é uma ruptura com o discurso peronista. Há elementos da cultura peronista que estão aí, mas também há uma série de temas diferentes. Basicamente, tem a ver com reconciliar o liberalismo democrático com a tradição peronista. É uma novidade extraordinária.

A do Kirchner é uma quarta etapa do peronismo?

Ricardo Sicaro - Bom, estão os peronistas no Governo, mas não há condições sócio-históricas para fazer algo que se pareça com o primeiro ou com o segundo peronismo. Tampouco se pode ter projetos tão transgressores como o de Menem, no sentido de se aliar com os inimigos históricos do peronismo.

Kirchner é peronista? Ou em todo caso, o que tem Kirchner de peronista?

Ricardo Sicaro - Kirchner compartilha um tipo de cultura política na qual o poder se exercita, uma certa idéia de que o presidente organiza e manda, sem ter que consultar um partido ou uma convenção. Isso é algo que os peronistas fizeram sempre. Há uma cultura política que permite aos que conseguem uma consagração, como Menem, levar adiante um projeto com uma fortíssima marca pessoal. O peronismo fez uma conversão extraordinária do neoliberalismo para um discurso complexo, com fragmentos dos anos 1960, fragmentos de ideologia keynesiana, uma certa idéia de reparação contra a repressão da ditadura. No plano discursivo, Kirchner é uma construção inovadora.

Há uma tensão entre o discurso e a gestão do governo nacional com os peronismos provincianos de cunho mais tradicional?

Ricardo Sicaro - A dificuldade é conjugar os restos do velho peronismo, os aparelhos, a classe média moderna, a classe média tradicional da conurbação, as classes excluídas e alguns setores dos operários industriais. As outras alianças, a dos anos 1945 ou as dos anos 1990, eram mais congruentes. Aqui há menos possibilidades de manter a congruência de 70% de expectativas positivas. Custa pensar que lhes possa dirigir a mesma política.

Kirchner pode construir uma hegemonia interna como a de Menem?

Ricardo Sicaro - Um acordo. Com Menem quase nenhum peronista se fez neoliberal, mas realizaram um acordo dentro do qual aceitaram o verticalismo. Hoje é mais difícil que em outras épocas, porque Kirchner conta com menos recursos. Tem que governar com um estado em crise e relacionar-se com uma sociedade muito desintegrada.

Sua percepção é que Menem e Kirchner não geram consensos ideológicos mas sim constroem acordos pragmáticos.

Ricardo Sicaro - Sim, enquanto ganhem eleições. Com Menem, ganhar eleições, assegurar eleições a governadores, prefeitos, deputados, foi o fundamental. Uns quantos anos depois estes olharam e disseram: "Se seguirmos com Menem, perdemos". Todos os partidos são pragmáticos, mas o peronismo faz disso uma definição. Por exemplo, Kirchner se define como o outro de Menem e consegue atribuir só a Menem a responsabilidade do menemismo. É uma operação política importante. O radicalismo, por exemplo, não tem conseguido condenar De la Rúa e hoje segue pagando.

Por que o peronismo pode se regenerar e se separar do fracasso com tanta rapidez?

Ricardo Sicaro - O radicalismo tem o prurido do cidadão, o prurido liberal-democrático, que acredita que as mudanças não podem ser feitas assim, pois os cidadãos não tolerariam. O peronismo, no entanto, tem uma raiz ideológica de tipo romântico-populista que constrói o mito do povo. E a interlocução do chefe com o povo é muito mais livre que a de um liberal democrático, que se relaciona com um suposto cidadão. O povo é mais etéreo, controla menos e faz mais livres seus chefes.

Isso faz com que o peronismo esteja mais perto dos vaivéns do humor social?

Ricardo Sicaro - Tem mais capacidade para dar soluções pragmáticas. Nesse sentido, uma história menos ligada à institucionalidade democrática o favorece para levar adiante as iniciativas. Isso faz a maneira particular em que o peronismo se vincula com a sociedade. O caso é interessante porque não há outra grande força política latino-americana que tenha resistido nestes 60 anos. O PRI era o último e foi levado pela modernização.

Na crise de dezembro de 2001, um dos poucos espaços orgânicos e estruturados de poder político que ficava em pé, o PJ de Buenos Aires, assumiu o governo através de Duhalde. Continua sendo tão poderoso o PJ da província?

Ricardo Sicaro - O poder é uma relação. À medida que as outras forças se fizeram migalhas, em um sistema no qual se desestruturaram os outros, o peronismo de Buenos Aires apareceu como o mais importante. Mas isso não significa que uma soma de municípios possa criar uma força política importante.

Entretanto, também eles [PJ de Buenos Aires] têm a capacidade de conter o conflito social da conurbação.

Ricardo Sicaro - Com certeza. Contêm, integram. Quem os conhece dizem que têm uma habilidade política extraordinária e uma familiaridade com a sociedade que não se encontra em outras formas políticas mais institucionalizadas. Mas têm horizontes limitados: a província, seus orçamentos ajustados e como projeto político, no melhor dos casos, perpetuar-se. A prefeitura, em uma época de industrialização, burocratização e integração, não era levada em conta. Foi a desintegração social que lhe deu importância: a sala de primeiros socorros, o ambulatório, o refeitório escolar. Fazer política a partir disso é uma tradição que não existe desde o tempo dos conservadores, que tiveram prefeitos importantes como Barceló. No primeiro peronismo, com a força do sindicalismo e a mobilização, a distribuição era feita pela economia funcionando bem e a integração era resolvida pelo Estado.

E os governadores?

Ricardo Sicaro - É diferente. No primeiro peronismo, entre 1946 e 1955, há uma grande quantidade de conflitos entre o governo central e os governadores. Saadi vai preso. Têm que disciplinar-se a um estado que, com as leis sociais e os sindicatos, consegue ter prolongações em todas as províncias. Mas agora têm mais poder.

Mais que antes?

Ricardo Sicaro - Como nunca. Durante muito tempo tiveram que competir com os chefes sindicais e as 62 organizações. Cada vez que se abria o jogo tinham que incluir nas listas 33% de sindicalistas. Quando em 1973, os peronistas voltam para o governo, em geral põem como governador um político e de vice, um sindicalista, e aí começam os sindicalistas a expulsar os políticos. O caso mais célebre é o de Buenos Aires, onde Bidegain sai por imposição de Calabro. Essa tensão entre peronismo sindical e político já não existe mais.

Como é a articulação do peronismo com o novo sujeito social, os excluídos, que não existiam até os anos 1990 e que têm nos piqueteiros sua cara mais visível?

Ricardo Sicaro - É complexa. A mobilização piqueteira se produz, porque as pessoas mais dinâmicas do mundo popular, que antes estavam no peronismo, agora estão nestas mobilizações. Mas na hora de votar votam pelo peronismo, como ficou claro para D'Elía. O

peronismo deixou certa idéia de que o voto é útil. Embora se debilitou em sua intensidade emocional, não tem hoje a competência de outras forças políticas. Em uma Argentina fragmentada, no plano eleitoral os setores excluídos são peronistas, e no plano das reclamações sociais podem identificar-se com os piqueteiros. A diferença é que hoje há uma sensibilidade que permite fazer política com o mundo popular. Este governo conseguiu. Os peronistas, ao invés de tomar distância do protesto, dizendo que aqui se vota a cada dois anos, como dizia De la Rúa, acreditam na reclamação, inclusive se estiver em contradição com o governo. A reclamação é algo legítimo na cultura peronista. E isso marca uma diferença.

Livro da Semana

As Novas Doenças da Alma.

Rio de Janeiro: Rocco, 2003. 240 p.

JULIA KRISTEVA TENTA RESGATAR DA DESTRUIÇÃO A ALMA CONTEMPORÂNEA

Reproduzimos o texto elaborado por Giovanna Bartucci, veiculado no jornal O Estado de S. Paulo, em 8 de junho de 2003, em que ela comenta o livro As Novas Doenças da Alma, de Julia Kristeva, autora búlgara, radicada na França, que discute questões de terapia e existência. Além de psicanalista e professora de lingüística, em Paris, Julia Kristeva é romancista e autora de 25 livros. Giovanna Bartucci é psicanalista, ensaísta, autora de, entre outros, Borges: a Realidade da Construção. Literatura e Psicanálise (Rio de Janeiro: Imago, 1996) e organizadora da coleção Psicanálise e Estéticas de Subjetivação, da Imago Editora.

De fato, Julia Kristeva é uma das mais brilhantes e respeitadas intelectuais da atualidade. Nascida em Sofia, Bulgária, em 1941, Julia reside em Paris desde 1965, quando emigrou para a França para realizar seu doutoramento. Psicanalista, professora de lingüística na Universidade de Paris VII e romancista, com mais de 25 livros publicados, tem sua obra traduzida para mais de dez idiomas. Seu pensamento, oriundo do diálogo entre diversas disciplinas, tais como a teoria literária, a lingüística, a semiótica, a filosofia e a psicanálise, tem, na crítica da noção de representação, seu alimento constante. Dividido em duas partes - A Clínica e A História -, os 14 ensaios que compõem **As Novas Doenças da Alma** (R\$ 29,00), lançado pela Rocco, é um dos melhores exemplos disso.

Ao refletir acerca da constituição da subjetividade na contemporaneidade, os ensaios que compõem **A Clínica**, majoritariamente escritos no início da década de 1990, pretendem responder a uma indagação básica: "Confrontada aos neurolépticos, à aeróbica e ao massacre da mídia, a alma ainda existe?" "Que tipo de representações, que diversidades de lógicas a constituem?", indaga-se Julia. Com efeito, ainda que as descobertas das ciências, fundamentalmente da biologia e da neurobiologia, possam configurar a morte da alma, ao considerar os desafios com os quais se confronta a psicanálise contemporânea, "o assalto das neurociências" não destrói a psicanálise, mas nos convida a reatualizar a noção freudiana de pulsão. É nessa medida que Julia não poupa esforços na tentativa de responder de que é feita uma alma.

E sustenta que, se a psicanálise não possui necessariamente as respostas, é a única a procurá-las. É aqui, então, que o trabalho da autora se destaca.

Sem jamais se furtar à tentativa de pensar o impensável, de analisar o não-analisável, de nomear o inominável, Julia não se intimida. Constata que o homem moderno está perdendo a

sua alma, mas não se dá conta disso. Assim, por trás de atitudes "neuróticas", "logo transparecem 'doenças da alma' que evocam, sem com ela se confundirem, as impossibilidades dos psicóticos de simbolizarem". É nessa medida que a autora verifica que há, no que se refere aos "novos analisandos" - que freqüentemente se parecem aos "analisandos clássicos" -, um denominador comum: a dificuldade de representar.

Se se trata de uma mudança histórica dos analisandos ou de uma mudança na escuta dos analistas, cujas interpretações de sintomatologias antes negligenciadas, se teria aperfeiçoado, a autora observa que "se um analista não descobre, em cada um de seus pacientes, uma 'nova doença da alma', é porque não os escuta em sua verdadeira singularidade". E quando as palavras nos faltam, quando a linguagem, instrumento por excelência do trabalho analítico, se mostra insuficiente? E quando as palavras faltam também a eles, nossos analisandos? Com efeito, ainda que o "fechamento da palavra" dos analisandos possa vir a ser considerado como indício da impossibilidade de tratamento, na medida em que a aparente condição de elaboração pode ser indicativa de um discurso artificial sem qualquer influência sobre os afetos e as pulsões, a autora observa que o que tais analisandos pedem ao analista é a constituição de um novo aparelho psíquico. Para Julia, no entanto, a elaboração desse aparelho psíquico passará por uma revalorização da imagem no seio da transferência, antes de abrir-se para a linguagem do desejo inconsciente.

Assim é que, ainda que a maioria dos ensaios que compõem **A História**, segunda parte do volume, pertença à década de 1980, nem por isso a sua produção teórica, no que se refere às interações entre a semiologia - a ciência geral dos signos que estuda fenômenos culturais como se fossem sistemas de significação - e as teorias sobre linguagem, com produtos culturais como a Bíblia e as obras de James Joyce e Dostoievski, encontra-se distanciada de sua produção teórico-clínica, condensada na primeira parte do volume. O fato é que tais elaborações encontram na distinção que Julia faz entre o semiótico (aquilo que é pré-linguagem) e o simbólico (signos e gramática), enquanto duas modalidades do processo de significância, sua sustentação. A autora chama de "simbólico" o exercício do discurso segundo as regras lógicas e gramaticais da interlocução, e de "imaginário" a representação de estratégias de identificação, introjeção e projeção, a partir das quais o sujeito advém. No entanto, ao distinguir entre o sentido pulsional e afetivo ordenado segundo vetores sensoriais diferentes da linguagem como, por exemplo, o som (melodia, ritmo), a cor, o odor e a significação lingüística que se realiza nos signos lingüísticos e em seu ordenamento sintático-lógico, a atenção dada por Julia à sensorialidade tátil, escópica, de observação e de examinação, favorece a elaboração pulsional, antes recalcada ou sublimada. Assim é que a interpretação - e a construção - leva os analisandos à etapa posterior do desenvolvimento psíquico, a redescoberta e reconstrução do Édipo.

Como bem explicita Julia, com tais analisandos, parte fundamental do trabalho analítico se constitui menos como um trabalho de anameses do que de reconstrução dos "componentes feridos ou não aparecidos do sujeito", antes de ser uma dissolução, uma análise deles. Aqui temos Julia em sua melhor forma: "Sem repetir a curva melódica nem as marcas sintáticas da interrogação, a interpretação analítica adota a postura psíquica de uma questão. Eu creio saber, mas renuncio e lhes passo a palavra: saibam, digam, mintam, pensem." Com efeito, será por meio de sua "teorização flutuante" que o analista irá perguntar-se de que forma tais analisandos "significam" - uma vez que no que diz respeito às "paixões não admitidas na palavra", será mesmo "à força de lidar consigo mesmo (analista) na escuta do outro até os abismos da paixão, que esta palavra pode fazer-se carne".

Filmes da Semana

Lembramos que todos os filmes aqui apresentados foram vistos e analisados por colegas do IHU.

AS INVASÕES BÁRBARAS

Nome original: Les Invasions Barbares

Origem: Canadá – França

Realização: 2003

Gênero: Drama

Duração: 112 min

Direção: Denys Arcand

O FILHO DA NOIVA

Nome original: El Hijo de la Novia

Origem: Argentina – Espanha

Realização: 2001

Gênero: Comédia Dramática

Duração: 124 min.

Direção: Juan José Campanella

INVASÕES BÁRBARAS

*Reproduzimos o artigo do jornalista Otavio Frias Filho sobre o filme **As Invasões Bárbaras**, publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, no qual ele é chefe de redação, em 27 de novembro de 2003.*

De vez em quando, aparece um filme que ultrapassa os limites do cinema, que expressa, de maneira condensada, toda uma situação histórica. Foi o caso, por exemplo, do argentino *O Filho da Noiva* (Juan José Campanella, 2001), síntese da crise sem precedentes que assolou o país vizinho. É o caso, também, de *As Invasões Bárbaras* (2003), do canadense Denys Arcand. Os dois filmes compartilham, aliás, a mesma estratégia: focalizar com extrema delicadeza uma situação familiar pungente enquanto forças cósmicas operam no pano de fundo histórico, como se fossem mero cenário da narrativa. No caso do canadense, elas são as "invasões bárbaras", cujo símbolo máximo é a cena do avião perfurando uma das torres gêmeas.

Diante de um pai desenganado pela medicina, um filho tido por frio e pragmático, jovem empresário do mercado financeiro, move mundos para dar ao doente a única coisa que está a seu alcance prover, o conforto de uma morte serena. Convoca os antigos amigos e as ex-amantes do pai e corrompe o hospital inteiro para cercá-lo de cuidados.

Mundos opostos, pois o pai é um professor universitário, socialista e *bon vivant*, que repudia com sarcasmo o "puritanismo anglo-saxão" do filho capitalista (estamos no Canadá francês). Numa cena memorável, este procura heroína (melhor do que morfina, diz um médico), como homem de mercado que é, começando por tentar comprá-la na polícia.

Deixemos por conta das opções ideológicas de Denys Arcand o fato de que, no filme, o hospital público seja uma pocilga, os amigos do pai socialista sejam "pervertidos degenerados" e que o amor pelo capitalista sugira fumaças de redenção no futuro da garota viciada em heroína, fornecedora do pai doente. Ele reproduz o espírito da época.

A seqüência foi mais ou menos essa: depois de serem consideradas controversas, as idéias socialistas passaram a ser erradas, depois, imorais (quando caíram as ditaduras do leste), e agora, como no filme de Arcand, elas se tornam algo de patológico, numa estranha ironia em relação ao velho hábito soviético de internar dissidentes em clínicas mentais.

Em termos políticos, é quase como se o bem e o mal trocassem de lugar no espaço de duas décadas. Esse é o dinamismo interno à reconciliação entre pai e filho neste filme belo e triste. Mas existe uma terceira força, ameaçadora, onipresente nas imagens do megaatentado nas telas de TV, que acontece ao mesmo tempo que o drama familiar.

As Invasões Bárbaras é um filme convencional. Pretende uma continuidade com o outro filme de Arcand, *O Declínio do Império Americano* (1987), que não tem. Resvala a ingenuidade. Mas é uma síntese que capta, num só movimento, a morte da "velha Europa", a conversão do capitalismo em algo moral e a ameaça dos excluídos da Terra.

MAS VOCÊ NÃO VIU?

Igualmente tratando do filme ***As Invasões Bárbaras***, o jornalista Zuenir Ventura escreveu o artigo com o título acima, veiculado no sítio **No Mínimo (www.nominimo.com.br)**, em 18 de novembro de 2003. Zuenir é autor de, entre outros, **1968 – o ano que não terminou** (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988 / 38. ed. 2000) e **Cidade Partida** (São Paulo: Cia. das Letras, 1994./ 9. ed. 2000). Zuenir Ventura acaba de publicar o livro **Chico Mendes: Crime e Castigo**, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Há duas semanas, depois de escrever sobre a morte (*Uma certa indesejada*, 4/11), recebi muitas mensagens, comentando o artigo, entre as quais as das leitoras Marisa Martini e Carmen Borges. Elas me recomendavam assistir ao filme *Invasões Bárbaras*, do canadense Denys Arcand, de quem eu já vi *Declínio do Império Americano*. “É um péssimo título para um belíssimo filme”, dizia Marisa, que torcia para que “os moralistas e radicais” não fossem vê-lo. “Tenho medo de que eles façam uma campanha para a sua retirada de nossas salas de cinema”. Carmen o classificava de excelente, principalmente porque “trata a morte de forma lúcida, lúdica e irônica”.

Como todo mundo, eu estava, e ainda estou, chocado com a execução dos jovens Liana Friedenbach, de 16 anos, e seu namorado Felipe Caffé, de 19, assassinados com revoltante crueldade num sítio abandonado perto da capital paulista. Embora o filme e o crime não tivessem nada a ver entre si, o título me remetia à barbaridade daquele ato gratuito, sem qualquer motivação, a não ser a simples vontade de um psicopata: “Eu matei porque me deu na cabeça”. Olhava a foto dos dois, principalmente a de Liana, e ficava imaginando o seu suplício - o estupro, a violentação repetida, o desamparo, ela frágil, indefesa nas mãos de um bando sinistro - e depois o martírio da morte a facadas (vi a foto da peixeira), lenta e insuportavelmente dolorosa.

Não, não queria assistir a um filme pesado, que pudesse, de alguma maneira, agravar ou prolongar um estado de espírito em que, pelo desencanto, somos levados a descreer do gênero humano e, para não admitir a maldade de que somos capazes, recorremos à comparação com os animais, como se eles se igualassem a nós em requintes de crueldade.

Relutei, mas acabei indo ver *Invasões Bárbaras*, porque outras recomendações vieram se somar às de Marisa e Carmen. Foi um dos melhores filmes a que assisti este ano, já pródigo em boas obras. Estou mandando todo mundo assistir e com isso virei um chato. Sabe aquele cara que fica cobrando - “mas você não viu? ah! tem que ver, você não pode deixar de ver” - e nos deixa com a sensação de idiota? Pois é.

Outro dia, jantando com Alfredo e Marcos, que não o tinham visto, só não fiquei falando sozinho porque Joaquim, que é um rapaz de bom gosto, bem informado, antenado, me fez companhia. Como lê e vê tudo, me deu a maior força, mesmo quando resolvi contar para os dois alienados o que ele, Joaquim, já sabia. Comecei pela sinopse (sabe aquele outro tipo que lê ou conta o que escreveu?):

“Rémy, de 53 anos, um professor de História que gozou a vida e amou muitas mulheres, encontra-se à beira da morte, com um câncer terminal. Está cercado pela esposa, a quem sempre traiu e da qual está separado há 15 anos, pelos amigos, por algumas das ex-amantes e pelo filho, que nunca se deu bem com o pai e que só veio por insistência da mãe. Rémy aproveita para um balanço dos sonhos e utopias do passado - os ismos em que esteve engajado, como existencialismo e comunismo.”

Continuei explicando que não era um filme apenas sobre a morte, mas também sobre o mundo cínico de hoje, sobre o choque de idéias entre a geração do pai, que militou em todos os sonhos, e a do filho *yuppie*, que vive ligado à Bolsa de Valores, pendurado no celular e num *laptop*. Ai, quando percebi que a platéia começava a bocejar, um foi pegar o vinho, e o outro foi ao banheiro, implorei por atenção. “Vejam só esse final, é rapidinho”:

“Tratando de morte, conflito de gerações, decadência e barbárie, o filme teria tudo para ser pessimista e cínico. Mas terminada a sessão, a sensação é de que o que se viu de mais interessante como tema foi mesmo a amizade, capaz de superar até o antagonismo ideológico entre pai e filho. A gente deixa o cinema achando que, como ali na tela, se o mundo aqui de fora tiver salvação, será pelo afeto.”

Daqui a pouco, vou ligar para cada um dos dois amigos insistindo mais uma vez: “Mas você não viu?”. Se eles teimarem em não ver, desisto então. Azar o deles.

FILHO DA NOIVA

*O artigo a seguir, que faz a crítica do filme **O Filho da Noiva**, é de autoria de Neusa Barbosa e foi publicado no sítio www.cineweb.com.br, no dia 22 de novembro de 2002.*

Num cinema mundial que oscila entre a celebração incondicional da juventude e o vício da piedade politicamente correta em relação à chamada "terceira idade", é uma saudável surpresa encontrar pela frente um filme que retrata os maiores de 40 simplesmente como pessoas normais - ou seja, repletos de planos e emoções.

O sonho do restaurateur aposentado Nino Belvedere (Hector Alterio) é de uma simplicidade cristalina: com mais de 70 anos, ele simplesmente quer casar-se na igreja com a mulher de toda a sua vida, Norma (Norma Aleandro). Parece fácil, já que eles são casados legalmente há décadas. O problema é que ela tem mal de Alzheimer, o que a priva de discernimento por boa parte do tempo, que ela passa num asilo.

Isso posto, pode-se ter a impressão de que vem aí um melodramão choroso, que provocará o espectador até o limite de sua sensibilidade, levando-o a derramar quantas lágrimas por minuto ele for capaz. Nada disso. O centro do filme é assumidamente romântico, é claro. Afinal, o projeto matrimonial de Nino só visa a atender ao único desejo formulado pela mulher que ele não satisfaz ainda. O marido, que a visita todos os dias, está empenhado em manter vivo esse amor ao mesmo tempo que procura acender uma centelha que seja da memória dela, mais fugidia do que nunca.

Esse núcleo da história acaba carregando o filme, por mais que o protagonista seja oficialmente o filho da noiva, Rafael (Ricardo Darín, de *Nove Rainhas*). É ele quem toca agora o restaurante da família Belvedere, vivendo na carne a crise econômica argentina, bem como toureando um

mundo de problemas pessoais, um divórcio mal-resolvido, uma namorada insatisfeita (Natalia Verbeke) e uma filha que não conhece bem (Gimena Nobile).

Árido e travado, Rafael decididamente não compartilha o encanto pela vida que, apesar dos pesares, decididamente não abandonou seus pais. É na pele dele, portanto, que o espectador é jogado, para mergulhar no inferno e redescobrir a paixão conjugada da maneira mais básica pelo pai e por um amigo de infância que reaparece em sua vida (Eduardo Blanco).

Dessa mistura singela a que não faltam clichês, é certo, o filme extrai seu atrativo principal. É bom-mocista, mas decididamente honesto e divertido. Menos banal do que se pode esperar, também, quando elabora uma crítica à hipocrisia da Igreja. Não é à toa que foi sucesso popular na Argentina. Lá, como cá, as pessoas não devem mesmo andar mais agüentando ver explicada toda sua vida nos termos da economia de mercado.

No setor de prêmios, o filme acumulou dois troféus na seção latina do Festival de Gramado/2002: melhor atriz (Norma Aleandro) e melhor filme para o júri popular. No mesmo ano, foi também um dos cinco candidatos ao Oscar de melhor filme estrangeiro.

Finalmente, uma dica importante: não saia da sala antes que terminem todos os créditos finais. Caso contrário, você nunca saberá quem, afinal, é Dick Watson.

CONTRAPONTO

*A leitora Laura J. Hosiasson (São Paulo, SP), em carta publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, em 1º de dezembro de 2003, tem uma opinião totalmente oposta, em relação aos dois filmes acima comentados.*

Gostaria de manifestar meu total desacordo em relação aos argumentos expostos por Otavio Frias Filho no artigo "As invasões bárbaras" (Opinião, pág. A2, 27/11), a respeito do filme canadense. E o que se coloca para mim é uma questão essencial sobre o que é afinal o cinema, o que vem a fazer na cultura de hoje, o que se espera dele. Em primeiro lugar (e não vou muito além), creio que, do ponto de vista da composição da história, de seus personagens e de seu enredo, o filme já apresenta fraquezas que o aparentam profundamente com as formas televisivas mais superficiais. Todas as situações (que não são poucas, pois o filme se quer "global") borboleteiam ao redor de problemas fundamentais do mundo contemporâneo sem nunca adentrar em nenhum deles, deixando que o espectador faça "a sua leitura", estimulado pelos clichês melodramáticos mais convencionais: o câncer terminal, olhares choramingantes ao redor do doente - nos seus últimos minutos de vida -, paisagens outonais de bosques e lagos canadenses tiradas de cartões postais que contrastam alegremente com uma pitada de olhar de denúncia contra o sistema público hospitalar, imagens das torres de Manhattan sendo atacadas etc. Tudo isso embalado por uma situação absolutamente improvável, desenhada pela varinha de condão do dinheiro, muito dinheiro, de origem confusa na especulação internacional, aquele que move montanhas, aquele que realiza o sonho, que consegue criar aqui a impossível situação ideal de todo moribundo: a de ver desfilar ao seu redor todos os personagens que foram importantes ao longo de sua vida - ex-mulher, ex-amantes, filhos, amigos, estudantes, todos vivenciando o "pathos" da despedida conciliadora. Filme medíocre, superficial, com pretensões de tese filosófico-política pós-utópica. Aliás, muito disso se encontra também num outro filme fraco e sentimental, o argentino "O Filho da Noiva", que o articulista cita elogiosamente em seu artigo. Fico aqui pensando na desilusão de nossos "formadores de opinião", que parecem perder a sua capacidade crítica, rendendo-se a soluções baratas, embrulhadas no celofane de chavões estéticos e melodramáticos.

Teologia Pública

O CARÁTER HERMENÊUTICO DA TEOLOGIA

Dr. Werner Jeanrond

Sob o título acima, o teólogo e professor Dr. Werner Jeanrond, da University of Lund, Suécia, escreveu o artigo publicado no livro GIBELLINI, Rosino (ed.), **Prospettive teologiche per il XXI secolo**, Brescia: Queriniana, 2003, p. 49-72. Este livro foi apresentado por **IHU On-Line** na editoria Teologia Pública na 60ª edição, de 19 de maio de 2003. A nosso pedido, o professor Dr. José Roque Junges, do Centro de Ciências da Saúde da Unisinos, fez uma síntese do artigo que publicamos neste número. Werner Jeanrond, é autor, entre outros, do seguinte livro: **Text und Interpretation als Kategorien theologischen Denkens**. Em italiano encontramos o livro: **L'ermeneutica teologica. Sviluppo e significato**.

A teologia ocupa-se da transmissão da mensagem cristã em diferentes contextos socioculturais em contínua mutação. Por isso ela necessita interpretar o horizonte de compreensão no qual a mensagem cristã é proclamada e vivida. Nesse sentido, a teologia não é redutível a uma única interpretação do textos inspiradores cuja compreensão vai sempre acompanhada de uma prática e tradição mais ampla da fé que se configura no culto, no seguimento, na comunidade, na Igreja, na família, no trabalho. O caráter hermenêutico da teologia refere-se a essa contínua necessidade de interpretar os diferentes aspectos da existência cristã para o contexto particular no qual acontece a prática da fé. A teologia, como elaboração científica da fé cristã, tem a tarefa de conhecer, explicar e proceder de modo hermenêutico. Nessa perspectiva, a teologia participa da discussão interdisciplinar mais ampla sobre a estrutura hermenêutica do próprio pensamento humano. O pensamento teológico não tem um acesso direto e objetivo a verdades divinas, mas está sempre imerso num processo interpretativo através do qual a auto-revelação de Deus revela-se para cada momento histórico. Esse processo depende da possibilidade de uma autocompreensão modificada do próprio intérprete e da comunidade interpretativa.

Desenvolvimento do pensamento hermenêutico na teologia cristã: breve itinerário histórico

Os primeiros intérpretes cristãos tinham três modelos de compreensão do texto bíblico: uma interpretação atenta à estrutura lingüística do texto (gramatical), praticada pela Escola de Antioquia; uma interpretação voltada para o horizonte espiritual do intérprete (alegórica), desenvolvida pela Escola de Alexandria; uma interpretação que tenta conjugar as duas anteriores. Assim começou-se a falar de quatro sentidos da Escritura: sentido literal, tropológico (metafórico), anagógico (místico) e alegórico (figurado). Aos poucos, foi se introduzindo uma compreensão ortodoxa fundada em critérios formais para a interpretação do texto na Igreja. Essa tendência leva a uma subdivisão do trabalho teológico: *sacra scriptura* (Ciência bíblica) e *sacra doctrina* (Teologia sistemática), reduzindo paulatinamente o texto bíblico à pura justificação de afirmações teológicas. A Reforma foi uma reação a essa redução, quando proclamou a normatividade absoluta da Escritura. A tradição católica defendeu no Concílio de Trento que a autêntica teologia funda-se tanto na Escritura quanto na Tradição.

No início do século XIX, Friederich Schleiermacher propôs uma nova compreensão da relação entre teologia e hermenêutica. Para ele, a teologia não possui uma hermenêutica específica. Ela faz parte da estrutura hermenêutica do próprio ato de interpretar. O sentido de um texto não é resultado de um procedimento técnico de interpretação, mas faz parte de uma arte que inclui o momento subjetivo. Schleiermacher introduz a dimensão psicológica da interpretação. Não se trata de uma psicologização da interpretação, mas de levar em consideração o irrenunciável

aspecto subjetivo da compreensão. Assim o sentido emerge da forma lingüística e composição do texto no autor (pólo gramatical) e da compreensão do intérprete (pólo subjetivo).

Hermenêutica e Teologia no século XX

O debate teológico da hermenêutica foi influenciado por três projetos de hermenêutica filosófica: Martin Heidegger, Hans-Georg Gadamer e Paul Ricoeur.

Heidegger contribuiu com a importância da temporalidade para a existência humana e, conseqüentemente, para a compreensão. Assim toda compreensão está baseada em pressupostos, fazendo com que toda constituição de sentido é contextualmente pré-determinada, apontando para a circularidade do processo interpretativo.

Para Gadamer a hermenêutica é uma busca da verdade cuja compreensão depende de uma fusão de horizontes entre o texto e o leitor. Por isso a compreensão tem um caráter de diálogo entre a compreensão da pessoa que está por detrás do texto e o processo de transmissão do conteúdo do texto. Gadamer está preocupado com as condições da própria compreensão e com os modos de sua transmissão.

Ricoeur parte do conflito das interpretações como um enriquecimento para a compreensão, sublinhando a necessidade da crítica da ideologia tanto em relação ao texto quanto em relação à compreensão subjetiva do intérprete. Essa crítica leva a tomar consciência do caráter aproximativo de toda compreensão e a libertar-se da ingenuidade interpretativa.

No âmbito da teologia, as contribuições vieram dos teólogos alemães Karl Barth e Rudolf Bultmann. Barth defende uma interpretação teológica da Bíblia fechada em si mesma, pois deve submeter-se à palavra de Deus que é anterior e distinta da assimilação e reflexão. Bultmann tentou esclarecer as condições da compreensão teológica num contexto de modernidade. Assim Barth faz uma hermenêutica da revelação e Bultmann, uma hermenêutica da significação.

David Tracy, teólogo de Chicago, reconhece que a cultura ocidental encontra-se numa crise de interpretação que obriga a refletir sobre a própria atividade interpretativa. Ele retoma a necessidade do diálogo entre o leitor e o texto, possibilitado pela capacidade analógica do leitor, acontecendo quando este se engaja pessoalmente na compreensão. Isso significa confrontar-se com o outro na linguagem. O diálogo hermenêutico para Tracy não significa transformar a alteridade e diversidade em igualdade e semelhança, mas, ao contrário, tornar possível o outro e o diferente. Só, então, pode-se chegar através do diálogo à verdade. Assim toda interpretação é uma tentativa de aproximação do estranho e do diverso.

Aspectos problemáticos da Teologia frente ao desafio da hermenêutica

A nova consciência hermenêutica da teologia possibilita novas vias de acesso ao texto bíblico; muda a concepção do sujeito de compreensão e da Igreja como comunidade interpretativa; desenvolve uma nova relação entre teologia e filosofia. As discussões pós-modernas sobre a constituição do sentido, sobre a estrutura do sujeito e sobre a estrutura do discurso têm a sua história de efeitos sobre a teologia.

Ao interpretar um texto não existe um sujeito estável e permanente, mas um portador de uma linguagem histórico-finita que condiciona qualquer acesso a si e ao mundo. Isso não significa uma debilidade histórica do intérprete, mas aponta para uma nova possibilidade de orientação do sujeito e da comunidade interpretante, libertando de interpretações absolutas e introduzindo o risco e a revisão.

O texto bíblico em si mesmo já é pluralista, pois temos várias versões do Evangelho. Por isso a própria interpretação teológica da Bíblia será também necessariamente pluralista. Isso não significa arbitrariedade, já que a interpretação precisa sempre confrontar-se com o próprio texto. Toda compreensão necessita explicitar as estratégias textuais e comunicativas que estão operando no texto. Por isso a leitura do texto bíblico não pode ser reduzida a proposições de verdade, mas estimular estratégias complexas de interpretação. Isso significa colocar em ação a dialética entre o texto e a interpretação.

O ambiente teológico mudou sensivelmente nas últimas décadas com o surgimento de teologias contextualizadas, não bastando mais teologias com pretensão universal. Exemplos dessa tendência é a Teologia feminista e a Teologia da libertação. Nesse sentido não se pode fazer uma teologia responsável sem uma interpretação crítica e autocrítica do respectivo horizonte de compreensão. Isso vale também para a compreensão da identidade cristã. Essa complexidade hermenêutica da teologia cristã é um antídoto contra fundamentalismos e arbitrariedades, abrindo grandes possibilidades para a fé e a teologia porque delinea um projeto claro de seguimento cristão no mundo e aponta para a capacidade hermenêutica da comunidade cristã de fé. Assim, o caráter hermenêutico liberta a teologia de suas cadeias e a encoraja a prestar um serviço à Igreja, à academia, à sociedade. A hermenêutica ajuda a teologia a conduzir a fé cristã a si mesma, isto é, ao seu *ipse* (rosto renovado), não permanecendo no seu *idem* (continuidade estável).

O modelo do diálogo hermenêutico possibilita uma compreensão comunitária da fé, mas igualmente abre para uma hermenêutica intercultural da teologia e funda o diálogo inter-religioso.

Deu nos Jornais

América Latina: 'outra década perdida'

Os últimos cinco anos equivaleram a 'outra década perdida' para a América Latina, região marcada por crises generalizadas no período de 1998 e 2002, na avaliação da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina e Caribe). Segundo afirmou Rolando Franco, diretor da divisão de desenvolvimento social da Cepal e da ONU (Organização das Nações Unidas), entre 1990 e 1997 houve expansão e avanço na redução da pobreza na região, mas as crises posteriores 'fizeram os países perder as ilusões'. As declarações foram dadas pelo funcionário da Cepal à agência de notícias **Efe**. Na avaliação do diretor, os mais afetados foram as crianças e os adolescentes que vivem na região. Ele informa que, de 1998 a 2002, o número de latinos pobres na América Latina aumentou de 200 milhões para 225 milhões de pessoas, sendo que, desse número, 100 milhões são indigentes. Para ele, a pobreza apenas diminuiu no México, El Salvador, Panamá, Chile e República Dominicana. No entanto, cresceu no Brasil, Uruguai, Equador, Colômbia, Argentina e Paraguai e se manteve estável na Bolívia, Costa Rica e Honduras. A notícia foi publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, 1-12-03.

Financial Times: Lula o xodó dos mercados financeiros

"Luiz Inácio Lula da Silva, o presidente esquerdista do Brasil, se tornou o improvável xodó dos mercados financeiros". Assim inicia o editorial sobre a política econômica do governo Lula, escrito pelo **Financial Times**, a 'bíblia' dos mercados financeiros. "Antes de ele assumir o poder, na virada do ano, o principal temor dos investidores era que viesse a conduzir o país a

uma moratória. Mas, em lugar disso, os preços das ações brasileiras estão batendo recordes de alta. As exportações dispararam. E Lula está obtendo progresso sólido em sua agenda política, com as muito adiadas reformas previdenciária e tributária prontas para aprovação dentro de poucos meses. A questão é determinar se os mercados estão comemorando cedo demais. Os números divulgados na semana retrasada para o PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro no terceiro trimestre demonstram que a recuperação da recessão vem sendo dolorosamente lenta. O governo conseguiu sucesso na estabilização da economia, mas agora é preciso que comece a procurar por novas maneiras de promover crescimento rápido e sustentável. Os investidores têm motivos para se sentir animados com a política fiscal severa mantida pelo presidente, com a queda da inflação e com o impressionante superávit comercial, estimulado pelos fortes preços das *commodities*. Mas o Brasil continua tentando escapar do fundo buraco em que foi lançado pela crise financeira de 2002 e os ajustes fiscais duros adotados na seqüência. A demanda interna está menor, no momento, do que há um ano, enquanto o desemprego está um ponto percentual acima da marca quando da posse de Lula. As pessoas empregadas estão ganhando em média 15,2% menos, em termos reais, do que no ano passado. O número de falências vem crescendo, o investimento estrangeiro entrou em queda. Muitos dos governos estaduais não dispõem de caixa suficiente para pagar os tradicionais abonos natalinos. É verdade que surgiram sinais de uma recuperação nos investimentos. Mesmo assim, é difícil aceitar que o nível de crescimento do ano que vem supere consideravelmente a faixa dos 3% a 4%, o que não bastaria para eliminar o excedente de mão-de-obra disponível no mercado. As taxas de juros caíram, para 17,5% anuais, mas os bancos continuam a cobrar de maneira exorbitante por empréstimos pessoais ou para empresas”. O editorial, na íntegra, está publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, 2-12-03.

Bush dismantela os avanços ecológicos de trinta anos

“É evidente que a Casa Branca de Bush está dismantelando trinta anos de avanços ecológicos bipartidários, e o faz claramente desafiando a lei, a ciência, o sentimento popular e o sentido comum”. Com esta denúncia, Robert F. Kennedy Jr. inicia o artigo publicado no jornal **Los Angeles Times** e reproduzido pelo jornal **Clarín** 1-12-03. E continua: “Os advogado da Direção de Proteção do Meio Ambiente anunciaram, há pouco tempo, que desistiram de acusar judicialmente e investigar crimes ambientais de cinqüenta centrais elétricas cujas emissões ilegais são responsáveis pela contaminação com mercúrio que fez com que não seja mais seguro comer peixes em 28 estados americanos, de ataques de asma que afetaram uma de cada quatro crianças negras das zonas pobres, das chuvas ácidas que esterilizaram os lagos Adirondacks e destruíram os bosques do oeste, e de uma contaminação do ar em consequência da qual morrem 30.000 cidadãos dos EUA por ano, segundo dados da Academia Nacional de Ciências”. Para o autor do artigo, “essas empresas doaram milhões de dólares para a campanha de Bush, que devolveu esta doação abolindo a Lei do Ar Limpo, eliminando a lei que exigia o controle das centrais elétricas e refinarias mais antigas e sujas dos EUA e a instalação de modernos controles de contaminação do ar quando se expandissem”.

‘Médicos Sem Fronteira’ denuncia as restrições no acesso aos medicamentos

Os EUA e as multinacionais buscam manter o monopólio das patentes e impedir que os países pobres (golpeados por pandemias como a aids, malária ou tuberculose) consigam os genéricos com facilidade, segundo denúncia feita pela ONG Médicos Sem Fronteiras – MSF – prêmio Nobel da Paz. A denúncia foi publicada no jornal espanhol **El País**, 1-12-03. Segundo MSF, assim é violado o acordo sobre propriedade intelectual firmado em Doha (Qatar) pela Organização Mundial do Comércio – OMC – em novembro de 2001. “Essa política impede a

concorrência comercial e a inovação farmacêutica”, diz Pascale Boulet, jurista da ONG MSF. “Segundo Doha, todo país pode revogar uma patente, mas se isto é prática habitual nos EUA, Europa ou Japão, os países pobres não se atrevem a fazê-lo”.

Aids: Uma pessoa morre a cada 11 segundos

A 16ª jornada mundial de luta contra a Aids foi a oportunidade para se tomar consciência de uma realidade aterradora. “40 milhões de condenados inocentes” esperam “no corredor da morte” e “aguardam uma graça internacional”: a possibilidade do tratamento. Esta é a constatação dura de Badara Samb, conselheira da Organização Mundial da Saúde – OMS no jornal *Libération*, 2-12-03. Em 2003, 3 milhões de pessoas morreram de Aids (8 mil por dia) e 5 milhões são infectados pelo vírus. Enquanto isso o preço dos anti-retrovirais (ARV) é proibitivo: 450 dólares. Segundo a OMS, há situações explosivas. Por exemplo, a Ásia central, com 2,5 milhões de pessoas infectadas e, somente, 9% tratadas. Vinte e cinco milhões de trabalhadores são atingidos pelo vírus, no mundo, sem afetar a consciência das empresas. Um outro exemplo: na República Democrática do Congo, 50% dos leitos são ocupados por pessoas infectadas pelo HIV. Enquanto isso, o Vaticano prega que ‘a virtude da castidade é a medida mais importante para uma prevenção eficaz’ e anuncia o lançamento, proximamente, de “um manual pastoral sobre a Aids”.

Não nos equivocamos com o feminismo?

Esta é a pergunta que Elisabeth Badinter, psicanalista francesa, busca responder num artigo publicado no jornal argentino *Clarín*, 2-12-03. Elisabeth Badinter, acaba de publicar em espanhol o livro *Hombres/mujeres. Cómo salir del camino equivocado* pela editora Fonde de Cultura Económica. O artigo inicia afirmando que “necessita-se um grande esforço mental para recriar a atmosfera dos anos 1980. Depois das grandes vitórias da década de 1970, todas as esperanças eram permitidas. A maior presença das mulheres nos lugares de trabalho finalmente lhes abria as portas a uma certa independência. Desde o momento em que alguém ganha a vida e pode manter seus filhos, está em condições de abandonar o homem que já não suporta. Uma liberdade preciosa, virtualmente desconhecida para a geração anterior. Ao ritmo dos divórcios que aumentavam constantemente, o matrimônio tradicional se esvaziou de conteúdo. Basta de ataduras. Com os métodos anticoncepcionais e o aborto, as mulheres ocidentais, de repente, cobraram um poder sem precedentes na história da humanidade. Queira-se ou não, esta revolução marcava o fim do patriarcado. ‘Serás pai se eu quiser, quando eu queira’. Enfim, esgrimiam-se como conquistas os nomes daquelas mulheres que entravam pela primeira vez em territórios até esse momento masculinos. Depois de milênios de uma tirania mais ou menos benigna que a limitava a papéis secundários, a mulher se convertia na heroína do filme em que o homem representava papéis menores. Este investimento era motivo de uma energia maravilhosa para as mulheres que procuravam novas fronteiras”.

A hora do desencanto e do ressentimento

Elisabeth Badinter, no entanto, constata que “hoje já não se trata de conquistas proclamadas a viva voz, chegou a hora do desencanto. A maioria dos homens não jogou o jogo da igualdade. Em todo caso, nem tão rápido nem tão bem como demonstram os horários dos pais e as mães de família. Na realidade, nos últimos 20 anos, não mudou nada: as mulheres seguem assumindo as três quartas partes das tarefas familiares e domésticas, e a desigualdade salarial persiste. Motivo suficiente para amargurarem-se. Naturalmente, o desencanto se converteu em ressentimento. Contra as feministas que, depois de terem proclamado objetivos irrealizáveis,

refugiaram-se no silêncio ou no 'mea culpa'. Mas também contra o Estado, em mãos dos homens e ao que pouco lhe importam os problemas das mães de família”.

A vitimização das mulheres

E a psicanalista francesa denuncia a vitimização das mulheres. “Ao mesmo tempo, saiu à luz, em nossa sociedade, uma nova sensibilidade que, pouco a pouco, gerou um tombo na hierarquia dos valores. Desde fins dos anos 1980, o homem ocidental descobriu as delícias da vitimização. A nova figura heróica já não é essa figura combativa que move montanhas, mas sim a vítima que se declara indefesa. Esta vitimização geral da sociedade trouxe aparelhado o crescimento em potência dos tribunais. Já não se fala de outra coisa que de penalização e de sanção”. Ela diz que se passa a preferir “se concentrar no tema da eterna opressão masculina. Nada trocou, dizem alguns. As coisas pioraram, dizem outros. A violência masculina nunca esteve claramente no banquinho dos acusados. Violências social e sexual são só uma. Ao culpado assinala com o dedo: é o homem em todos seus estados”. Para Elisabeth Badinter, o feminismo destes últimos anos “obcecado pela causa do sexo masculino e a problemática identitária, deixou de lado as lutas que foram sua razão de ser. A liberdade sexual lhe cede o passo ao ideal de uma sexualidade domesticada enquanto vemos reaparecer o mito do instinto maternal sem que ninguém questione as conseqüências reais de uma estratégia semelhante. É hora de fazer um balanço: desamor das novas gerações pelo feminismo, retorno de uma imagem estereotipada das mulheres e de uma ordem moral encoberta, estancamento das diferenças salariais. E se tivermos tomado o caminho equivocado?”

The Passion, novo filme do ator e diretor americano, baseia-se nos Evangelhos

Segundo reportagem publicada no **Estado de S. Paulo**, 30-11-03, assinada por Alessandro Giannini, “a revista americana **New Yorker** trouxe, no número de 15 de setembro, uma reportagem sobre *The Passion*. Projeto pessoal do ator e diretor americano Mel Gibson, o filme mostra com realismo visceral como teriam sido os últimos momentos e a crucificação de Jesus de Nazaré. O repórter Peter J. Boyer assistiu a uma projeção privada da fita na sede da Sony, em Nova York, e depois conversou com Gibson durante algumas sessões da montagem. Boyle fala sobre o que viu na tela, relata a conversa com o astro hollywoodiano e explica a polêmica que se criou em torno dessa nova versão para a paixão cristã”. Segundo a reportagem, “*The Passion* nasceu maldito. Desde que o projeto foi anunciado, vozes se levantaram contrariadas. A idéia de Gibson era mostrar o sofrimento de Jesus Cristo com uma dose de realismo que previa muito sangue e diálogos em aramaico, a língua que se falava no Oriente Médio na época. De início, não estava previsto o uso de legendas. Não interessava ao diretor que o público entendesse *ipsis litteris* o que os personagens falavam. Seu principal objetivo era que se ativessem à ‘via-crúcis’ do ‘Salvador’ e todo o sofrimento físico impingido a ele”.

Mel Gibson imprime realismo à Paixão de Cristo

“Pelo que descreve Boyle – escreve a reportagem do **Estado de S. Paulo** –, Gibson foi bem-sucedido. ‘Houve, nas duas horas que se seguiram, muitos ferimentos e esmagamentos e quando as luzes voltaram a acender, havia uma certa dose de lágrimas ao redor. Eu achei o filme impressionante e bastante perturbador, e fui assombrado pela memória de um filme sobre Jesus da minha infância, *A Maior História de Todos os Tempos*, de George Stevens. Na cena final, o Jesus ressuscitado, interpretado de forma pouco inspirada por Max Von Sydow em corte de cabelo de pagem, levita nas nuvens enquanto um coro celestial toca Halleluja Chorus’. Segundo Boyle, ‘Gibson disse uma vez que não estava interessado em fazer um filme religioso, e não o fez em *The Passion*. Ele estava fazendo um filme de guerra’, escreveu o repórter. De

todos os relatos sobre *The Passion*, sempre chama a atenção o impacto da violência gráfica. Gibson não estava interessado apenas em interpretar o sofrimento impingido a Jesus Cristo, mas mostrá-lo nos seus mínimos e mais incômodos detalhes. Para isso, ele estudou o processo de uma crucificação em detalhes. Escreve Boyer: 'Entre outras fontes, leu uma famosa investigação clínica deste tipo de prática, *Sobre a Morte Física de Jesus Cristo*, publicada no *Journal of the American Medical Association*, em 1986. O estudo explica por que a crucificação inspirou a palavra excruciante”.

Protocolo de Kyoto à morte?

“É preocupante a perspectiva, anunciada por um importante assessor econômico do presidente Vladimir Putin, de que a Rússia não ratificará o Protocolo de Kyoto, o tratado internacional que procura combater o aquecimento gradual do Planeta. ‘Em sua forma atual, o Protocolo de Kyoto coloca limitações significativas ao crescimento econômico da Rússia’, afirmou em Moscou Andrei Illarionov” – analisa com presteza o editorial da **Folha de S. Paulo**, 3-12-03. A possibilidade de a Rússia não assinar o protocolo é notícia em vários jornais do mundo, como o italiano **La Repubblica** e o francês **Libération**, além de brasileiros, como **O Globo**. Segundo o editorial acima citado, “se a disposição russa de fato se confirmar, o protocolo não sairá do papel. É que, para vigorar, ele precisa ser ratificado por pelo menos 55 países que respondam por no mínimo 55% das emissões de gases-estufa das nações industrializadas. Depois que o presidente George W. Bush decidiu denunciar o tratado, em 2001, essas condições ficaram mais difíceis de atingir, pois os EUA respondiam, sozinhos, por 36,1% das emissões dos países ricos (em 1990) de CO₂, o principal gás envolvido no efeito estufa, que vem causando o aquecimento da Terra. Descontadas as emissões de todos os países industrializados que já disseram que não validariam Kyoto, a ratificação russa é a única chance de as especificações serem atingidas para que o protocolo entre em vigor”. E o editorial conclui: “A confirmar-se a desistência russa, Putin estará colocando benefícios econômicos imediatos à frente dos interesses de longo prazo de seu país e do mundo. Talvez seja demais esperar que certos políticos se preocupem seriamente com um problema cujas conseqüências não verão em seus mandatos nem em suas vidas”. Dia 3-12-03, a Rússia voltou atrás na decisão de não aderir a Kyoto. O governo russo desautorizou o assessor presidencial que havia dito que o país não assinaria o acordo. No entanto, no dia seguinte, 4-12, nova reviravolta. A Rússia dizia que não assinaria o acordo. Em todo o caso, o acordo depende, em grande parte, da assinatura russa. A Rússia é responsável por cerca de 17% das emissões de dióxido de carbono e sua adesão é essencial para que o tratado tenha êxito.

Florestas transgênicas para ajudar o clima?

Serão as florestas transgênicas que ajudarão o clima? Será necessário escolher entre a atmosfera mutante e o risco de uma proliferação incontrolada de plantas geneticamente modificadas? A possibilidade adquiriu consistência durante a conferência internacional sobre o clima que reúne os representantes de 188 países em Milão, na Itália. A notícia é do jornal italiano **La Repubblica**, 3-12-03. Segundo o jornal italiano, “o bloco dos países contrários às florestas transgênicas compreende toda a União Européia e, particularmente, a Itália, Espanha, Bélgica e Alemanha. Entre os Estados que não excluem o uso de plantas transgênicas, excluindo os EUA que se colocaram fora da negociação, boa parte dos países sul-americanos (Brasil na cabeça), o Canadá e o Japão. ‘A convenção contra as mudanças climáticas se baseia na defesa da integridade ambiental’, recorda Giorgio Matteucci, agrônomo da Comissão Européia que segue a negociação. ‘A possibilidade de que plantas geneticamente modificadas se reproduzam de maneira não programada, hibridando-se com as outras e diminuindo a

biodiversidade, não pode ser descartada. Portanto, o seu uso não seria uma escolha sábia. Mas a questão permanece aberta”.

A respeitabilidade dos políticos em questão

“Definitivamente, os políticos vão ter que dar um jeito de dar mais respeitabilidade aos debates no Congresso, que já estão ficando até engraçados. Já se disse que não há nada mais parecido com um tucano do que um petista no poder, e a votação da prorrogação da alíquota máxima de 27,5% por dois anos e o congelamento da tabela do Imposto de Renda só confirmaram essa percepção”. Esta é a opinião de Merval Pereira, comentarista político do jornal carioca **O Globo**, 4-12-03.

Luz verde

Em outubro de 1976, H. Kissinger, pediu à ditadura argentina que o massacre fosse rápido, para impedir a condenação do Congresso americano por violações dos direitos humanos. É o que revela a ampla reportagem publicada dia 4-12-03, pelo jornal argentino **Página/12**. Segundo o jornal, novos documentos liberados pelo Departamento de Estado norte-americano demonstram que o ex-chanceler Henry Kissinger comunicou ao chanceler argentino Cesar Guzzetti o decidido apoio do governo do presidente Gerald Ford à política de extermínio de dissidentes, empreendida pela ditadura militar e o assessorou sobre como iludir os questionamentos do Congresso dos EUA.

Sim ao comércio de órgãos humanos. A proposta de um professor inglês de bioética

“A associação médica da Inglaterra começou a discutir, dia 3-12-03, a portas fechadas, uma questão que para muitos é um inviolável tabu ético”, escreve o jornal italiano **La Repubblica**, 4-12-03. “A revolucionária proposta veio de um respeitado professor de bioética da Universidade de Manchester, John Harris, convencido de que a legalização do comércio de órgãos, permitindo um maior número de transplantes, poderia salvar milhares de vidas a cada ano. Mas o seu ponto de vista levantou uma onda de críticas: “O corpo humano não é uma propriedade qualquer, como uma casa ou um automóvel”, diz, entre outros, o doutor Alistair Campbell da Bristol University. “Vender uma parte da pessoa humana significa vender uma pessoa humana. Não é um bem que se pode comercializar legalmente”. Segundo o jornal italiano, da Índia à Moldávia, os países pobres são um terreno fértil para comerciantes de órgãos humanos. Recentemente a BBC transmitiu uma reportagem sobre uma localidade romena onde dezena de homens tinham vendido um dos seus rins. Há alguns meses, uma mulher na Inglaterra publicou um anúncio oferecendo o seu rim por 70 mil libras esterlinas.

Tarso Genro refuta ‘O Ornitorrinco’ de Chico de Oliveira

“Acho extremamente arrojado, num tempo histórico tão curto, identificar o surgimento de uma nova classe. Tenho muito respeito pelo professor Chico de Oliveira, mas acho que sua tese é mais um anátema contra o governo do que uma concepção cientificamente sustentável. O que ocorre no Brasil é o surgimento de uma nova elite. Uma elite não no sentido econômico, mas gestora, preparada para administrar determinados setores do Estado e da iniciativa privada. Essa elite é pré-condição para o surgimento de um novo bloco dirigente. Se queremos renovar o contrato social brasileiro, temos de promover o surgimento de uma nova elite – e não somente no nosso partido, mas nos demais partidos e em outras organizações da sociedade civil. Essa elite é necessária para compor um bloco hegemônico, de sustentação de uma nova etapa, republicano-democrática, na história brasileira”. A afirmação é de Tarso Genro, secretário do

Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, em entrevista concedida, em Paris, ao jornalista Mário Sérgio Conti, e publicada pela agência **No Mínimo**, 29-11-03.

Os três caminhos possíveis de serem trilhados pelo PT

Na mesma entrevista, Tarso Genro ressalta a falta de um modelo de transição do projeto neoliberal para um republicano-democrático. Segundo ele, “quando o PT tomou posse, havia três caminhos possíveis: continuar a política do governo Fernando Henrique Cardoso; fazer uma ruptura à lá Hugo Chavez; ou promover uma transição previsível e segura. O primeiro significaria aprofundar o desmantelamento. Nós chegamos ao governo e não havia dinheiro para financiar exportações, estava tudo devastado. O segundo caminho é aventureiro. Ele colocaria as classes médias, e mesmo o operariado, contra nós, pois são essas as classes que perdem com uma ruptura. Escolhemos o terceiro caminho. Ele não é fácil, porque não existe um modelo de transição do projeto neoliberal para um republicano-democrático. Também não há precedentes históricos. Temos de inventá-lo. Estamos fazendo isso. E estamos avançando. Agora, é impossível em tão pouco tempo responder a todos os pleitos acadêmicos, que são importantes para o debate mas, concretamente, são impossíveis de serem efetivados”.

‘A posição do Chico de Oliveira é metafísica’ - afirma Tarso Genro

Para Tarso Genro, a posição de Chico de Oliveira no Ornitórrinco é puramente teórica, até metafísica. Ele diz: “Chico de Oliveira acha que ou se inicia uma transição para um projeto socialista, ou não há nenhuma saída. Há niilismo aí, porque as premissas para um modo de produção socialista não existem. Não há sujeito histórico, não há classes organicamente articuladas com esse projeto e não há teoria nem programa para dar sustentação à proposta socialista. Se Chico de Oliveira tiver razão, nós vamos para a barbárie. Mas se eu tiver razão, nós vamos para um outro estágio do processo democrático no Brasil: o da formação de um estado nacional moderno, articulado política e economicamente com as relações globais. Vamos para um processo de crescimento e de coesão social, de integração nacional. É essa a luta real, que visa à modificação de estruturas. A perspectiva de Chico de Oliveira é puramente teórica, e até metafísica”.

Por uma ética pós-cristã. É a proposta de um filósofo francês

Michel Onfray, filósofo, autor de vários livros, sendo o último ***Féeries anatomiques. Genéalogie du corps faustien***, Paris: Grasset, publicou um artigo contundente no jornal francês ***Libération***, 3-12-03, sob o título ***Reviens, Voltaire!*** no qual afirma que “a urgência, hoje, não é a luta por uma escola laica, mas pelo ensino do ateísmo”. Para ele, “o debate se dá entre os defensores da moral judeu-cristã, padres e leigos, e os partidários de um ateísmo real, franco, claro, afirmativo e reivindicativo”. Ele reconhece a importância da laicidade do ensino. “Certamente, o laicismo teve o seu momento de glória, principalmente quando se tratava de lutar contra o domínio dos católicos sobre a totalidade da sociedade francesa”. Ou seja, segundo ele, o grande trabalho do laicismo foi “fazer proceder a moral judeu-cristã da terra, e não do céu. Foi um grande combate que foi ganho. Mas, hoje, ele é insuficiente. Agora é necessário ativar uma ética verdadeiramente pós-cristã”. Pois, para Michael Onfray, “os três monoteísmos, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo professam fundamentalmente uma mesma detestação das mulheres, dos desejos, das pulsões, das paixões, da sexualidade. E da liberdade, de todas as liberdades: as de usar de si, da sua vida, do seu corpo sem se referir a uma autoridade clerical. Todos os defensores do Deus único detestam a vida”.

Chomsky e o PT

O lingüista e ativista norte-americano Noam Chomsky encabeça um abaixo-assinado organizado pelo jornal **Socialist Resistance**, de Londres, contra as expulsões de parlamentares do PT. Além de Chomsky, assinam o manifesto Kean Loach (cineasta inglês), Michael Albert (editor da *Znet*) e Robin Blackburn (da revista **New Left Review**), entre outros. O abaixo-assinado é acompanhado de um manifesto em apoio à senadora Heloísa Helena e aos deputados João Batista Araújo (Babá), Luciana Genro e João Fontes. Os signatários do manifesto entendem que as expulsões enviarão um sinal à esquerda mundial de que “o PT perdeu a sua orgulhosa tradição de democracia, de pluralismo e tolerância”. O manifesto, em inglês e português, e o abaixo-assinado estão disponíveis nos sites da **Socialist Resistance** (www.socialistresistance.net) e do recém-criado Movimento dos Amigos de Heloísa Helena (www.amigosdaheloisa.com.br). A situação dos parlamentares petistas será definida entre os dias 13 e 14 de dezembro, quando ocorre reunião do Diretório Nacional do PT, em São Paulo. Segundo o jornal **O Globo**, 4-12-03, para o presidente do PT, José Genoíno, a opinião dos intelectuais do Fórum Social Mundial não tem importância. Desde o dia 3 de dezembro, ele repete que esse tipo de manifestação não funcionará para evitar a expulsão da senadora Heloísa Helena (PT-AL), e dos deputados Luciana Genro (PT-RS), João Batista de Araújo (PT-PA) e João Fontes (PT-PI).

‘Sabemos produzir. Mas não sabemos distribuir’

Domenico de Masi fala sobre o desemprego

Domenico de Masi, sociólogo italiano, autor de vários livros, acaba de lançar no Brasil, o livro **Criatividade e grupos criativos** pela Editora Sextante. Na longa entrevista publicada no **Jornal do Brasil**, 29-11-03, ele analisa o fenômeno do desemprego. “Em todo o mundo, e especialmente no Brasil, há muito desemprego. Em parte, a culpa disso é da robótica, do computador. É uma situação paradoxal. O computador veio para livrar o homem do trabalho burocrático e para poupar o tempo que gastava com suas tarefas, para liberá-lo para o lazer, a família, o estudo. Mas, se o mesmo trabalho pode ser feito em menos tempo, ou se reduz a carga horária ou se reduz o número de trabalhadores. Infelizmente, a segunda solução foi a preferida. Mas é uma solução burra. Mais do que isso, é uma loucura. As pessoas estão trabalhando muito mais horas, enquanto as cidades estão cheias de desocupados. O desemprego depende, sobretudo, da boa distribuição do trabalho, da riqueza e do saber. Os comunistas sabiam distribuir, mas não sabiam produzir. Nós sabemos produzir, mas não sabemos distribuir o trabalho, assim como não distribuimos bem as riquezas e o saber”.

Dois modelos fundamentalistas. O terceiro modelo é o sociocultural. O ócio criativo

Na mesma entrevista, de Masi diz que ele parte “da premissa de que temos de nos contrapor aos dois modelos existenciais fundamentalistas que hoje vigoram: de um lado o modelo fundamentalista islâmico, baseado no fanatismo religioso. E, do outro, o fundamentalismo americano, baseado no fanatismo consumista. O consumismo americano propõe o paraíso em terra, enquanto o fundamentalismo islâmico fala de um paraíso do lado de lá. Eu acredito que há um terceiro modelo, que não é islâmico, nem americano”. Ele repudia a “terceira via”, afirmando “nem a terceira via, como a pregada por Anthony Giddens, porque ela é uma via econômico-política. O terceiro modelo é uma via sociocultural. Essa via está baseada na experiência latina, que sempre buscou um mundo melhor. É a experiência grega, romana, do Renascimento florentino, do século de ouro espanhol, da América Latina, do Brasil, do Chile, da Argentina, do México... Povos que sempre tiveram um tipo de vida mais voltado para a

sensualidade, para a solidariedade, para a alegria, para a brincadeira e para o ócio criativo". Para ele, "o catolicismo é parte do modelo latino. Ele é muito menos drástico, mais alegre, menos competitivo, menos calvinista. O catolicismo é menos baseado no trabalho e mais no tempo livre. No domingo, e não na segunda-feira".

Pierre Bourdieu segundo Robert Castel

"Pierre Bourdieu representa um paradigma, senão o paradigma, da postura sociológica, porque se trata de alguém que compreendeu a dureza do mundo social e que buscou pensá-lo sem fazer concessões, com todas as suas implicações, e que se interrogou sobre o que se pode fazer quando se sabe isso, que o mundo social é, essencialmente, a tensão social, mas que não nos resignamos a celebrar esta ordem do mundo. Pierre Bourdieu me parece ser o homem que queria mudar o mundo (e não somente arrumá-lo um pouco) sempre sabendo que ele é governado por leis impiedosas". Este é a descrição que faz Robert Castel, sociólogo francês, autor do importante livro *As Metamorfoses da Questão Social*, no livro *Pierre Encrevé et Rose-Marie Lagrave (sous la direction de) Travailler avec Bourdieu*, Paris: Flammarion, 2003 e resenhado pelo jornal *Libération*, 4-12-03.

Frases da semana

Cancún

"Cancún nos ensinou uma lição: que o mundo tem mudado." – Romano Prodi, presidente da Comissão Europeia – *Folha de S. Paulo*, 1-12-03.

O Power Point

"O poder corrompe e o Power Point corrompe de forma absoluta." – Edward Tuffe, no livro *The Cognitive Style of Power Point*, citado por Thomaz Wood, no artigo *Os poderes ocultos, Carta Capital*, 3-12-03.

"Imagine um remédio controlado caro e muito utilizado, que promete nos fazer mais belos, mas não cumpre a promessa. Em lugar disso, o remédio tem efeitos colaterais freqüentes e sérios: induz à estupidez, transforma a todos em chatos e degrada a qualidade e a credibilidade da comunicação." - Edward Tuffe, em artigo na revista *Wired*, citado por Thomaz Wood no artigo *Os poderes ocultos, Carta Capital*, 3-12-03.

"Nas faculdades, o Power Point funciona como uma muleta didática. Na ausência de conteúdo, professores capricham nos efeitos pirotécnicos."- Thomaz Wood, no artigo *Os poderes ocultos, Carta Capital*, 3-12-03.

Mel Gibson

"Eu tive de usar a Paixão de Cristo e suas feridas para curar as minhas próprias." – Mel Gibson, diretor do filme *The Passion* – *Estado de S. Paulo*, 30-11-03.

O Governo Lula

"É positivo incentivar a produção de leite, mas me preocupa o clientelismo que isso pode gerar. Quase metade do que o governo pagará por litro ficará com a indústria de pasteurização e ensacamento. Seria melhor dar o dinheiro às pessoas para que comprassem o leite." – Zilda Arns, coordenadora da Pastoral da Criança – *Folha de S. Paulo*, 2-12-03.

“No Brasil, deu-se a alternância de caras, não de política econômica. O mercado entendeu que ‘domesticou’ a sua antiga besta-fera que atendia pelo nome de PT. Virou lulu. Já não oferece risco.” – Clóvis Rossi, jornalista – **Folha de S. Paulo**, 3-12-03.

“A meu ver ele não tinha outro caminho. Fora disso aí é preciso fazer uma revolução armada no País. Não é fácil. É porque vocês são muito novos. Eu conheço esse problema desde Getúlio. Getúlio tentou muito menos do que se espera de Lula e foi forçado a dar um tiro no peito.” – Ariano Suassuna, escritor, autor da peça de teatro **Auto da Compadecida**, analisando o governo Lula – **Folha de S. Paulo**, 30-11-03.

“Em nossa esquerda e ex-esquerda, o caráter progressista do progresso é artigo de fé, meio inocente e meio ideológico”.- Roberto Schwarz, no ‘prefácio com perguntas’ no livro de Francisco de Oliveira, **Crítica à Razão Dualista. O Ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003. p. 16.

“O marxismo aguça o senso de realidade de alguns e embota o de outros.” - Roberto Schwarz, no ‘prefácio com perguntas’ no livro de Francisco de Oliveira, **Crítica à Razão Dualista. O Ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003. p. 23.

“O programa real de reforma agrária deste ano foi uma vergonha.” – João Pedro Stédile, da direção nacional do Movimento dos Sem-Terra – MST – **Folha de S. Paulo**, 4-12-03.

“As universidades viraram um bando de bundões, pararam de pensar nas causas dos problemas brasileiros.” - João Pedro Stédile, da direção nacional do Movimento dos Sem-Terra – MST – **Folha de S. Paulo**, 4-12-03.

“O meio ambiente não pode ser um entrave para o desenvolvimento.” – Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente do Brasil – **Agência Carta Maior**, 2-12-03.

“Nós, intelectuais, somos responsáveis, porque fazemos pouco, mas criticamos muito. Os intelectuais querem que Lula faça em um ano o que não se fez em 100.” – Domenico de Masi, sociólogo italiano – **Jornal do Brasil**, 29-11-03.

“Lula tem uma forte dessimetria entre o aspecto físico e a qualidade da mente. Uma mente muito refinada e um corpo de operário, mecânico. Uma mente pós-industrial, num corpo industrial, o que cria uma síntese muito interessante.” - Domenico de Masi, sociólogo italiano – **Jornal do Brasil**, 29-11-03.

EVENTOS IHU

SALA DE LEITURA ENCERRA HOJE

As portas da sala 1G119 do IHU estarão abertas hoje, dia 9 de dezembro, das 17h30min às 19h, para a última edição do evento **Sala de Leitura**, do ano de 2003. Na ocasião, o professor

Dr. Attico Chassot, do PPG em Educação da Unisinos, fará a apresentação de dois livros de sua autoria: **Educação conSciência**. (Santa Cruz do Sul: UNISC, 2003. 244p.) e **A Ciência é masculina? É, sim senhora!** (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. 114p. Coleção Aldus 16). O título do segundo livro foi tema do **IHU Idéias** do dia 20 de agosto de 2003. O professor Attico Chassot é pós-doutor pela Universidade Complutense de Madri, doutor em Educação pela UFRGS, com tese intitulada: *Para que(m) é útil o ensino de Química?*; mestre em Educação pela UFRGS; professor do PPG em Educação da Unisinos. Ele é autor de diversos livros, entre os quais citamos: **Para que(m) é útil o ensino?**. Canoas: ULBRA, 1995; e **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. Ijuí: Editora Unijuí: 2001. **IHU On-Line** conversou com o professor Attico sobre os livros que serão apresentados no **Sala de Leitura**.

IHU On-Line- O livro Educação conSciência aborda temas como construção de modelos, sementes caipiras, biopirataria, inquisição, bruxaria, demonologia ou teóricos como Weber e Nietzsche. O que há de comum em tudo isso?

Attico Chassot- Talvez respondesse à pergunta contando a história deste livro. Todos nossos textos têm uma história. Esse livro foi escrito quando vivi o privilégio de fazer um pós-doutoramento no ano passado, em Madrid, cujo resultado final agora está sendo lançado em edição muito bem cuidada pela Edunisc. Lembro de muitos dias que entrava pela manhã e saía à noite de uma biblioteca com mais 2,3 milhões de livros. Isso dá a dimensão de assuntos aparentemente tão díspares, dos quais elencaste alguns na tua pergunta, que me seduziram, então. Esses assuntos e outros, como questionamentos se a Escola mudou ou foi mudada, a alfabetização científica como uma necessidade de novos tempos, uma educação menos apolítica, estão colocados numa dimensão comum: trazer desafios curriculares, numa leitura multicultural de currículo, procurando fazer a inclusão social para que um outro mundo seja possível.

IHU On-Line- Quais as limitações curriculares nos sistemas atuais de educação constatadas no livro?

Attico Chassot- Educação conSciência não busca listar limitações curriculares, mas quer ser uma contribuição aos estudos que se desenvolvem na Linha de Pesquisa Currículo, Cultura e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Educação. Este é o papel daqueles e daquelas que, nesta Unisinos, estão envolvidos em pesquisas. Temos que disseminar nossos fazeres. E aqui faço um alerta: eu não escrevo para os meus pares. Para esses já há uma literatura especializada, muito rica e de muito mais competência se comparada com meus livros. Meus leitores são professores e professoras, das diferentes áreas do conhecimento, que estão no ensino fundamental e médio. Quando se pensa em subsidiá-los, se acha o suficiente distribuir livros textos, muitas vezes, com edições com as respostas, como se eles fossem incapazes. Se forem olhados os títulos anunciados na primeira pergunta, poderíamos ver que cada um deles deve interessar mais ou menos às pessoas que se envolvem com educação, inclusive aquelas que fazem educação não formal. Quem dos leitores do **IHU On-line** não gostaria de ver discutidas questões como a importância das sementes caipiras ou fazer outras leituras sobre bruxaria.

IHU On-Line- Qual o modelo de educação que o livro propõe?

Attico Chassot- Mesmo que **Educação conSciência** tenha um capítulo que trate da construção de modelos, assunto recorrente em meus livros – até porque não desconheço o professor de Química que fui –, não tenho a pretensão de propor nenhum modelo de Educação. Tenho poucas convicções, mas quero professar, aqui, um credo: é com a educação que vamos

fazer um mundo diferente deste marcado por desigualdades e por guerras como este em que vivemos. Eu não posso acreditar, por exemplo, que o presidente da nação mais poderosa do mundo tenha tido uma boa educação. Se isso tivesse ocorrido, ele muito provavelmente não faria as guerras que tem feito. Ele é literalmente um sujeito mal-educado.

IHU On-Line- Qual é a principal tese defendida em *A ciência é masculina? É, sim senhora!*?

Attico Chassot- A principal tese é que não apenas a ciência é masculina, como também o nosso mundo é masculino. Há uma semana o IBGE publicou estatísticas sobre os governantes brasileiros, no qual aparece que 94% das prefeituras brasileiras são governadas por homens. Eu trago uma explicação para isso: nós não somos assim por acaso; fomos sendo feitos assim. Para o mundo ocidental, e sou eurocêntrico em minha análise, encontro explicações em três vertentes: a nossa herança grega – e nesta examino o mito de Pandora e recorro à biologia aristotélica; a nossa herança judaica – e na leitura do Gênesis e do Levítico há o suficiente para exemplificar; a herança cristã - as epístolas paulínias, os ensinamentos de santos como Agostinho, Isidoro, Alberto Magno, Tomás de Aquino são por demais elucidativos.

IHU On-Line - Como surgiu a idéia de escrever esse livro?

Attico Chassot- Eu devo muito desse livro à promoção do Instituto Humanitas Unisinos, ao **IHU Idéias**. Estou escrevendo um livro *(Des)construindo a Ciência*, nele teria um capítulo sobre a ciência masculina. O capítulo começava a superar em muito a média de 20 páginas que me propunha para cada dos 15 capítulos. O tema me instigava. A biblioteca da Unisinos como que fermentava meu texto. Propus-me apresentar minhas descobertas no **IHU Idéias** que, neste semestre, foi quase minha missa semanal. Quando foi anunciado o título começaram as polêmicas. Isso me aguçou. Por exemplo, quando a jornalista Paula Almentes veio entrevistar-me para o JU disse ao final que, ao contrário do que esperava, não encontrou um antifeminista. Fiquei muito entusiasmado com a sessão do dia 21 de agosto, pela maneira como surpreendi a muitos. Logo em seguida, apresentei a discussão em duas disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Educação: uma no mestrado e outra no doutorado. Novas surpresas. Desde então, já discuti o assunto em universidades em Campinas (SP), Ilhéus (BA), Viçosa (MG), Passo Fundo (RS), Campina Grande (PB) e, no próximo domingo, estarei, pela mesma razão, em Fortaleza (CE). Houve uma situação em que se chegou a ensaiar uma vaia antes da palestra e em outra, uma professora veio dizer-me que proporia meu nome como o feminista do ano a uma associação.

IHU On-Line- Que perspectivas de mudança em relação a "feminizar" a ciência o senhor vê pela frente?

Attico Chassot- Talvez devesse responder à pergunta trazendo as dedicatórias que faço no livro: "*Para Maria Antônia, minha neta, que, afortunadamente, será mulher em novos tempos e para Gelsa, minha companheira, cujo fazer acadêmico ajuda a chegada destes novos tempos*". As mulheres hoje já vivem tempos muito melhores do que aqueles que viveram nossas avós e, muito provavelmente, as filhas de nossos filhos viverão tempos ainda melhores. No livro, eu me aventuro a trazer duas hipóteses para possível superação do machismo na ciência e na sociedade como um todo: uma histórica e outra biológica. Acredito realmente que preciso feminizar a humanidade. Concluo propondo uma interrogação às leitoras e aos leitores do **IHU On-line**: A propósito, quais os nomes de mulheres que poderíamos colocar como similares aos dos sanguinolentos Hitler, Mussolini, Stalin, Pol Pot, Franco, Milosevic, Ceausescu, Idi Amin,

Pinochet, Bush, Sadan, apenas para citar alguns daqueles de quem somos mais próximos temporalmente?

ANDRÉ GORZ EM DISCUSSÃO NO *IHU IDÉIAS* ESPECIAL

Na próxima quinta-feira, dia 11 de dezembro, das 9h às 11h, na sala 1G119 acontecerá um *IHU Idéias* que encerra o evento ocorrido ao longo do ano de 2003. Na ocasião, o professor Josué Pereira da Silva, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, falará sobre o tema ***As metamorfoses do mundo do trabalho segundo André Gorz***.

O professor Josué é mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutor em Sociologia pela New School For Social Research (NSSR), nos Estados Unidos. É autor de ***Três Discursos, Uma Sentença. Tempo e Trabalho em São Paulo (1906-1932)***. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1996 e ***André Gorz. Trabalho e Política***. São Paulo: Annablume, 2002. Este último livro foi apresentado na editoria *Livro da Semana* de *IHU On-Line*, na 36ª edição, de 23 de setembro de 2002. *IHU On-Line* entrevistou o professor Josué na 66ª edição de 30 de junho de 2003. O pesquisador concedeu entrevista a *IHU On-Line*, conversando sobre o tema a ser apresentado no último *IHU Idéias* do ano.

IHU On-Line- Qual seria a distinção feita por Gorz entre sociedade de mercado e sociedade com mercado?

Josué Pereira da Silva- Na teoria de André Gorz, essa distinção surge a partir de sua interpretação da sociedade moderna. Para ele, seria difícil imaginar uma sociedade moderna, complexa, sem instituições capazes de mediar as diversas interações sociais, políticas, econômicas, que já não podem ser estabelecidas de forma direta, face a face. O mercado é uma dessas instituições que são parte integrante do processo de modernização das sociedades ocidentais. Nesse sentido, as sociedades modernas são sociedades com mercado. Mas tal concepção não pode ser confundida com a visão neoliberal, que professa um fundamentalismo de mercado para o qual a sociedade nada mais é que uma mera extensão das relações de mercado.

IHU On-Line- De que maneira o autor relaciona ecologia e trabalho?

Josué Pereira da Silva- Pode-se dizer aqui que, para Gorz, trabalho (no sentido de economicamente racional) e ecologia seguem duas lógicas ou princípios diferentes. O primeiro segue a lógica produtivista, segundo a qual "mais é sempre melhor que menos"; é uma visão imediatista que desconsidera os efeitos colaterais, destrutivos, da produção capitalista sobre o ambiente natural. O segundo segue uma lógica antiprodutivista e, ancorado numa visão de longo prazo, considera que não se pode fazer uso dos recursos naturais não renováveis de forma irresponsável, embora não faça uma defesa fundamentalista da natureza.

IHU On-Line- Até que ponto está se pensando na ecologia para buscar um Brasil mais sustentável?

Josué Pereira da Silva- O debate sobre ecologia no Brasil já tem uma história de pelo menos três décadas, e a literatura produzida sobre o tema é bem considerável. Apesar disso, no entanto, o discurso ecológico conseguiu pouco espaço nas agendas governamentais e tem dificuldade para se contrapor ao discurso econômico hegemônico. E ele é hegemônico inclusive no seio da esquerda tradicional, que sempre apostou num futuro cheio de chaminés de fábrica. Por isso, embora eu não seja pessimista, acredito que a perspectiva de 'um Brasil mais sustentável' é ainda longínqua.

IHU On-Line- Qual seria a proposta do autor para uma época global de desemprego e precarização como a que se vive atualmente?

Josué Pereira da Silva- Por considerar improvável um retorno ao “pleno emprego” do tipo professado pelas políticas keynesianas, André Gorz considera que uma aposta nesse tipo de política não dará resultado e conseguirá criar, no máximo, empregos precários que apenas mascaram uma situação de desemprego real. Por isso, ele prefere apostar em soluções heterodoxas como a de redução do tempo de trabalho, que poderia facilitar uma redistribuição dos empregos existentes, e da instituição de uma renda básica de cidadania, incondicional, que garantiria o direito à vida em vez do direito ao trabalho.

IHU On-Line- Qual é o tipo de desemprego que predomina no Brasil hoje?

Josué Pereira da Silva- O desemprego no Brasil é bastante complexo e não será resolvido pelo simples crescimento da economia. Quem aposta na possibilidade de resolver o problema do desemprego apenas fazendo a economia crescer parte, a meu ver, de um diagnóstico equivocado, pois geralmente só leva em conta o chamado desemprego cíclico ou conjuntural. Esse tipo de desemprego é real, mas não é o único. Os estudiosos do desemprego costumam distinguir outros tipos de desemprego, como o estrutural e o tecnológico, que são pouco ou nada sensíveis ao crescimento da economia. O desemprego no Brasil tem todos esses componentes e é difícil dizer qual deles é o mais importante. Mas não dá para continuar afirmando ingenuamente que o crescimento da economia resolverá o problema do desemprego.

IHU On-Line- Que leitura poderia se fazer, a partir de Gorz, da relação trabalho-política no nosso País atualmente?

Josué Pereira da Silva- Embora reconheça que o Brasil tem suas especificidades, creio que a teoria de Gorz pode contribuir para elucidar muitos dos problemas relacionados com o chamado mundo do trabalho e com as políticas sociais. Um bom exemplo disso é o problema do desemprego tratado na questão anterior. Se considerarmos a tese de Gorz de que a revolução tecnológica é poupadora de trabalho, não dá para deixar de considerar que mais cedo ou mais tarde o problema do desemprego tecnológico deve ser enfrentado. E quanto mais cedo tomemos consciência disso, mais preparado estaremos para buscar soluções.

IHU On-Line- Na entrevista que o senhor concedeu a IHU On-Line de 30/6 de 2003, disse que Gorz teve uma mudança de posição em relação a ser favorável a uma sociedade em que trabalho e renda estejam desvinculados, favorecendo a idéia de redução do tempo de trabalho e de favorecer atividades que tenham valor social e não valor de mercado. O autor continuou amadurecendo essa tese após seu último livro? No Brasil, há algum movimento com reivindicações semelhantes?

Josué Pereira da Silva- Na verdade, a mencionada mudança de posição ocorreu a partir de seu penúltimo livro *Misères du présente, Richesses du possible*, de 1997, e reafirmada em seu último livro, *L'immatériel*, de 2003, (esses dois livros estão sendo traduzidos e serão ambos publicados pela Annablume Editora em 2004). A mudança de posição é bastante sutil e refere-se ao problema da condicionalidade ou não da renda de cidadania. Antes do livro de 1997, Gorz defendia a tese de que a renda de cidadania tivesse como contrapartida uma certa quantidade de trabalho necessário à produção social. Por trás dessa tese está a concepção do direito ao trabalho como um direito político de participar da produção social. A mudança de posição, expressa no abandono da idéia de condicionalidade, deveu-se, em grande parte, à ascensão da economia e do trabalho imateriais, analisados principalmente em seu livro de

2003. A crescente relevância das atividades imateriais no mundo contemporâneo dificulta a identificação das contribuições individuais para a produção social, já que, em tal situação, a produção depende mais do conhecimento do que do trabalho, no sentido tradicional. Isso torna sem sentido a exigência de contrapartida em trabalho, como ele acreditava antes. No Brasil, o que há de mais próximo a essa concepção não é propriamente um movimento de reivindicações, mas sim um debate e alguns experimentos de política pública que se aproximam da mesma problemática. Em ambos os casos, o principal impulsionador foi o Senador Eduardo Matarazzo Suplicy, cujo último livro, **Renda de Cidadania** (2002), traz um bom balanço dessas iniciativas.

IHU On-Line- Poderia ser esse um dos caminhos de saída para atual crise social?

Josué Pereira da Silva- Considero as iniciativas para implementação de uma renda básica incondicional ou renda de cidadania uma das propostas mais promissoras e capazes de resolver, ou pelo menos minorar, os efeitos da atual crise social, não só no Brasil. Ela é universalista, simples de ser implementada, de baixo custo, pois não exige intermediário. Além disso, a renda básica de cidadania, ao liberar as pessoas dos constrangimentos do mercado de trabalho, facilitaria a elas o exercício de atividades com valor social, mas sem valor de mercado. Mas justamente por não exigir intermediários, a renda básica incondicional sofre a resistência de quem prefere usar o dinheiro público para controle político da população, muitas vezes de forma clientelística.

AVISOS DA COORDENAÇÃO

Atenção!

A última edição do **IHU On-Line**, neste ano de 2003, será no dia 15 de dezembro. Publicaremos um próximo número no dia 12 de janeiro de 2004. Este número discutirá o tema: **até que ponto os Fóruns Sociais Mundiais realizados até hoje contribuíram para a construção de uma nova esquerda?** Depois, o boletim voltará a ser publicado no dia 1º de março de 2004. A página do IHU, www.ihu.unisinos.br, será atualizada diariamente, de segunda a sexta, até o dia 15 de dezembro. Ela voltará à atualização diária no dia 1º de março de 2004.

Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade

A área de concentração II – Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade - do IHU esteve reunida em dois momentos, na última semana, nos dias 1º e 3 de dezembro de 2003 para tratar de assuntos referentes à área, avaliar as ações de 2003 e planejar as atividades para 2004.

Atendimento Espiritual

A coordenadora adjunta do IHU, Vera Schmitz, reuniu-se com a psicóloga Susana Rocca, da Comunidade Missionária de Cristo Ressuscitado, no último dia 2 de dezembro. A pauta da ocasião foi o serviço de Atendimento Espiritual oferecido pelo IHU à comunidade acadêmica.

Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault

No dia 3 de dezembro último, a coordenação do IHU esteve em reunião com a professora Dr.^a Ivete Keil, do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos. No encontro, discutiu-se o Ciclo

de Estudos sobre Michel Foucault, evento programado para 2004, por ocasião do 20º aniversário de sua morte.

Cooperativismo

Dia 3 de dezembro, a coordenadora adjunta do IHU, Vera Schmitz, reuniu-se com o Prof. Dr. Pe. José De Bernardi, padre jesuíta peruano, fundador e dirigente durante 12 anos do Centro de Transferência Tecnológica a Universitários São José, uma incubadora de empresas agrícolas, localizada em Trujillo, Peru, que estimula a formação de empresas agrícolas pelos alunos das cinco universidades de Trujillo. No encontro, eles falaram sobre cooperativas.

Programa de Ação Social

Na última sexta-feira, dia 5 de dezembro de 2003, a coordenação do IHU participou da reunião do Programa de Ação Social na Zona Sul de São Leopoldo, ocasião em que se fez uma avaliação do ano de 2003 e se discutiram as ações do grupo para 2004.

Análise do 1º ano do Governo Lula

No dia 5 de dezembro, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, participou de um dia de análise do primeiro ano do governo Lula, em São Paulo, SP, na reunião da coordenação nacional da Pastoral Operária Nacional. Ele iniciou fazendo uma exposição de 60 minutos, que foi debatida por Vicentinho, deputado federal, ex-presidente da CUT e candidato a prefeito de São Bernardo do Campo. Ele substituiu Gilberto Carvalho, chefe de gabinete do Presidente da República. Após as duas exposições, houve uma ampla discussão com todos os participantes da reunião, durante o restante do dia.

IHU REPÓRTER



Francisco Aita

Alguém que passa 50 anos sobre quatro rodas tem muita história para contar. Já foi motorista de caminhão, de ônibus e atualmente de táxi. Francisco Aita tem uma microempresa de dois táxis que estão à disposição da Unisinos. A Universidade contrata seus serviços. Professores, alunos e funcionários, que também o fazem por conta própria, já são antigos passageiros de seu Francisco. Seu jeito amigável de se aproximar das pessoas e compartilhar suas opiniões e visão de mundo o tornam uma figura facilmente reconhecível no Câmpus. Sua disponibilidade para atender chamados a qualquer momento das 24 horas do dia, transformam seu trabalho quase numa missão. Esta entrevista quer ser uma homenagem ao Seu Francisco por seu jubileu de ouro de motorista.

Trajetória- Sou natural de São Leopoldo, filho de italiano nato. Tenho só mais um irmão, 11 anos mais moço. Estudei no Colégio São Luiz, que, na época, pertencia aos maristas e depois foi vendido a outra congregação. Lembro até o nome dos professores. Não fui muito estudioso. Comecei o ginásio e desisti na segunda série. Meu pai brigou comigo porque queria que eu continuasse estudando, mas eu queria trabalhar e fui aprendendo com ele o ofício de pedreiro.

Aos 18 anos, servi ao exército. Foi duro, mas aprendi muito. Depois comecei a trabalhar como caminhoneiro, no caminhão de meu pai. Na época, estava sendo construído o Santuário Sagrado Coração de Jesus, onde está o Pe. Reus, e eu trouxe muito cimento para essa obra. Mais tarde trabalhei numa empresa de ônibus que fazia o trajeto São Leopoldo - Porto Alegre. Em 1965, comecei numa empresa que fazia o trajeto Porto Alegre - São Paulo. Mais tarde voltei a dirigir caminhão, transportando ferro, cereais, arroz, etc. Ali mesmo fiz concurso e passei a ser inspetor de frota. Em 1977, entrei numa empresa internacional de transporte e viajei muito para o Uruguai e para a Argentina. Em dezembro de 1995, parei de viajar, comprei o táxi e vim para a Unisinos.

Família- Casei com Lua Benites Aita há 49 anos. Não estamos separados, só moramos em casas diferentes, na mesma rua. Temos três filhos Francisco, com 38 anos, é motorista de caminhão, está casado e tem dois filhos. Emairón Magda, com 41 anos, é casada e tem dois filhos. Ela trabalha junto comigo: é motorista de um dos meus táxis. Emairó Maria, 43 anos, também é casada, mora em Florianópolis e tem uma filha.

O dia-a-dia- Busco pessoas no aeroporto, levo outras para casa. Para isso não tenho horário. A qualquer hora da madrugada posso ser chamado e lá vou eu. Meu trajeto geralmente é Unisinos-aeroporto, ou Unisinos tal ou qual hotel.

Livro- Não leio muito livro, e sim jornal. Mas lembro de ter lido alguma vez a história de Lampião. Gostei das histórias de Virgolino Ferreira no nordeste. Marcou-me muito sua coragem para tirar dos ricos e dar aos pobres. Li também alguns livros sobre a história do povo brasileiro.

Filme- Gosto muito de cinema e de ver filmes na televisão. Gostei muito de alguns filmes que mostram os crimes bárbaros cometidos por Hitler.

Lembranças do País- O Presidente de que mais gostei foi o Getúlio Vargas: o maior Presidente que o Brasil teve. Eu era novo, mas lembro-me muito bem. Ele teve dois períodos um como ditador e outro como Presidente eleito pelo povo, mas foi ele quem mais ajudou o Brasil. Outro bom foi Juscelino Kubitschek, que acelerou o progresso com indústrias. Mas ninguém se compara a Getúlio, ele criou todas as leis trabalhistas. E o primeiro ministro do Trabalho no Brasil foi Lindolfo Collor, natural daqui de São Leopoldo. Quanto ao Lula, considero-o muito bom. Espero que ele seja um “segundo Getúlio”.

Nas horas livres- A vida inteira estive tanto na rua que, nas horas livres, gosto de ficar em casa, e, às vezes, fazer meu churrasquinho com a família.

Um presente- Tudo o que você ganha é lindo.

Momentos tristes- Fico chateado com o povo desempregado. Um pai de família desempregado que não tenha pão para dar aos filhos me sensibiliza muito.

Momentos alegres- Bater um papo com os amigos

Unisinos- Aqui dentro é o paraíso. A tranquilidade, a segurança, a conservação da natureza...É um lugar propício para aprender.

IHU- Eu conheço algumas das pessoas que trabalham no Instituto e tenho grandes amigos entre eles. Sei que fazem muitos eventos e que ajudam muito os estudantes.

Um sonho- Continuando assim está bom: uma boa família, saúde, bons amigos, nunca fui assaltado, tenho minha microempresa. Estou com 68 anos, mas ainda penso seguir mais alguns anos com este serviço.

Meu Clássico

Prof. Dr. Carlos Dutra da Fonseca responde.

*O professor Carlos Roberto Sorensen Dutra da Fonseca, do Centro de Ciências da Saúde da Unisinos, responde ao **IHU On-Line** sobre os autores que marcaram sua trajetória acadêmica. Graduado em Ciências Biológicas (Modalidade Ecologia), o professor Carlos é mestre em Ecologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutor em Ciências Biológicas pela Universidade de Oxford. Fez três pós-doutorados, nas universidades de Macquarie, na Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Universidade Estadual de Campinas.*

Qual é o autor (es) que mais influenciou a sua formação intelectual?

Se eu tivesse que apontar apenas um, eu teria que escolher Charles Darwin. Antes de ingressar na universidade eu tive a oportunidade de ler *A Origem das espécies* e muito me impressionou a diversificação e o volume de evidências em favor da evolução e do mecanismo evolutivo proposto, a seleção natural. Além disso, a sua obra autobiográfica *Viagem de um naturalista ao redor do mundo* me fez admirar Darwin como cientista ousado, mas ao mesmo tempo humilde. Ao longo de minha carreira científica, recorri às diversas obras de Darwin, incluindo *A Origem do Homem* da qual alimento alguns de meus trabalhos até hoje.

Qual o autor (es) que mais responde às suas inquietações atuais?

A minha principal inquietação atual refere-se à nossa responsabilidade sobre a conservação da biodiversidade mundial. A nossa ação hoje tem o potencial de modificar drasticamente a sustentabilidade dos recursos naturais em um futuro próximo. Dentre os diversos autores que tem contribuído para esta causa, poderia citar Edward O. Wilson com seu livro *Biodiversidade*.

Qual o autor (es) contemporâneo que lê com mais atenção?

Apesar de manter um certo distanciamento crítico em relação à sua obra, os livros de Fritjof Capra me atraem pela procura de uma abordagem mais holística para a ciência e para a humanidade.

Sala de Leitura

Confira o que estão lendo os nossos colegas da Unisinos.



“Estou lendo o livro *Iluminismo às avessas: produção de conhecimento e políticas de formação docente*, organizado por Maria Célia Marcondes de Moraes. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, 198 páginas. O livro enfoca as políticas de formação docente nos anos 1990, analisando-as sob dois prismas. Por um lado, examina os direcionamentos e principais conceitos dessas políticas, por meio do estudo de documentos oficiais nacionais e internacionais e, por outro, busca uma interlocução com as Ciências Sociais e a Filosofia,

campos de conhecimento inspiradores das discussões e eventuais redefinições desses conceitos. A primeira parte da obra reflete sobre implicações da política educacional implementada em diferentes tempos e contextos e o quanto esta política investiu na formação de um docente “desintelectualizado”, pouco adepto da crítica. A segunda, discute o ceticismo epistemológico vigente, o empobrecimento do ato de conhecer e o recuo da teoria”.

Profª. Dr.ª Mari Margarete dos Santos Forster, graduada em Pedagogia, mestre e doutora em Educação, e professora do PPG em Educação da Unisinos.



“O livro **Campeãs Ocultas**, de Herman Simon (Porto Alegre: Bookman, 2003, 263 p.), do qual, juntamente com o Prof. Astor Hexsel, fiz a revisão da tradução, discute um aspecto importante para o Brasil: a competitividade de Pequenas e Médias Empresas (PME’s). Esse assunto é pouco abordado pelos livros sobre gestão, embora a maioria dos empregos existentes no Brasil estejam em PME’s, segundo o Sebrae. O livro discute os exemplos de empresas alemãs em tópicos como papel da liderança, mercados-alvo e domínio tecnológico. Inserimos, na versão brasileira, duas empresas de nosso estado que possuem características próximas das empresas da versão original do livro: a Marcopolo (ônibus) e Baldo (erva-mate). Os casos brasileiros reforçam a importância deste tipo de empresa em nossa economia e revelam algumas práticas que as tornaram fortes, gerando empregos e renda para suas regiões”.

Prof. Ely Laureano Paiva, mestre e doutor em Administração, professor do Centro de Ciências Econômicas e coordenador do Mestrado em Administração da Unisinos.



“Minha leitura atual é o livro **O Físico**, de Noah Gordon. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 1988, 592 páginas. O livro trata da história de um jovem inglês órfão, Rob Cole, que viveu no século XI. Em seus primeiros anos de existência, morou com um cirurgião-barbeiro, com o qual aprendeu essa profissão. Como era apaixonado pela medicina e tendo o dom da cura, ele fez uma grande travessia para chegar à Persia e conseguir aprender as técnicas da cura numa universidade, junto aos grandes mestres, como Avicenna. Rob era um aventureiro, mas dedicou-se à medicina com muita sabedoria. Os costumes orientais são muito bem mostrados neste livro, permitindo ao leitor compreender a situação do mundo árabe atual”.

Profª. Dr.ª Délia Del Pilar Montecinos de Almeida, graduada e doutora em Geologia, e professora do PPG em Geologia da Unisinos.

Cartas do Leitor

Olá!

Não sou estudante da Unisinos, mas gosto muito do informativo de vocês. Por isso, gostaria de pedir-lhes se é possível o disponibilizarem para o meu e-mail. Desde já agradeço a atenção e parabênzo pelo belíssimo trabalho desenvolvido por vocês.

Abraços

Juliana Ruaro Zachow

Companheiras/os,

Gostaria de receber o Boletim IHU On-Line, se possível em Word.

Abraços,

Cristina/ Cáritas- Secretariado Nacional – Brasília-DF

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU – , da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Coordenadora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@icaro.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuinfo@poa.unisinos.br . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@poa.unisinos.br . Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS